

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

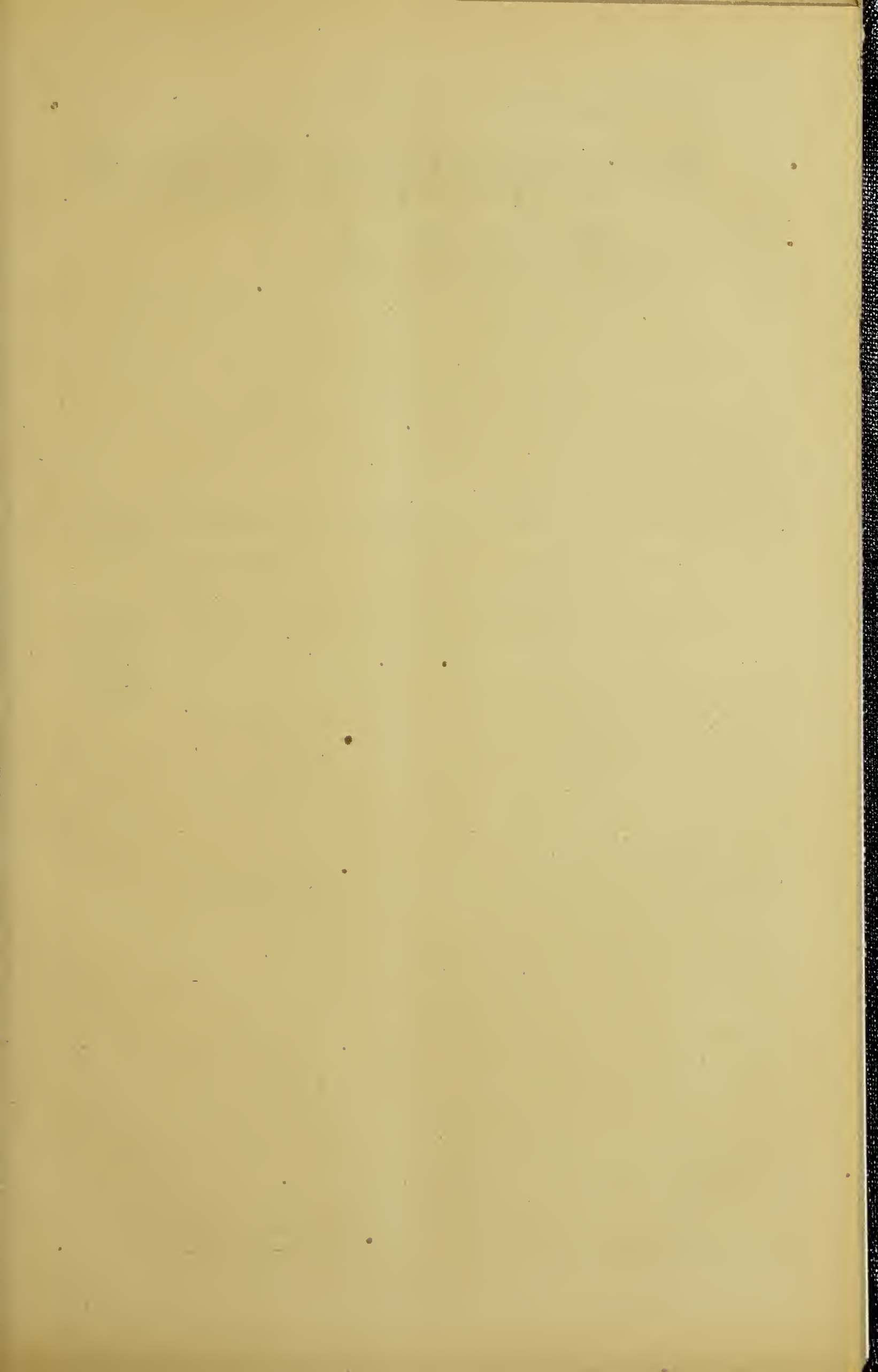
SUMÁRIO

- O Espiritismo na opinião dos intelectuais
- A Propósito das Visões Supranormais de Swedenborg
- Desmaterialização da Matéria
- Allan Kardec
- “O Espiritismo é Obra de Educação” de Leopoldo Machado
- Alguns Factos Anteriores ao Aparecimento do Espiritismo
- Observações Exparsas...
- Apenas...
- Mensagens Supranormais
- Crônica Estrangeira
- Espiritismo no Brasil
- Bibliografia



ALLAN KARDEC





Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

O Espiritismo na opinião dos intelectuais

Doutor Edmond Dupouy



ENTRE os pioneiros da primeira hora, justo é mencionar os doutores Puel e Dupouy. Depois de lerem no *Journal de Psychologie Experimentale*, 1874 e 1875, as experiências de W. Crookes e dos membros da *Sociedade Real* de Londres, os doutores Puel e Dupouy repetiram as experiências dos sábios ingleses, com médiuns franceses e D. Home.

Morto o Dr. Puel, o doutor Dupouy continuou só o trabalho começado com a colaboração de seu sábio colega. E, no mês de Janeiro de 1897, aparecia a primeira edição de sua obra *Sciences occultes et Physiologie psychique*, cujos principais capítulos haviam sido publicado em 1895 e 1896, no *Monitor de Higiene Pública*. A última edição, publicada em 1903 pelo editor Flammarion, põe em relevo todas as questões das ciências psíquicas, e resume as experiências feitas por todos os sábios da Europa e América nos dez anos anteriores.

Eis uma pequena parte do catálogo de matérias que permite avaliar o conjunto da obra do Dr. Dupouy :

— Considerações fisiológicas. Força Vital. Corpo psíquico. Leis de Ba-

raduc, magnetômetro de Fortin, máquina de Crookes.

Exteriorização do corpo psíquico, observações de Reichenbach, de Luys de Iodko, de Rochas e de Goudart.

Exteriorização das faculdades psíquicas; magnetismo, hipnotismo; eflúvios cerebrais. Exteriorização da sensibilidade, o transporte. Experiências. Exteriorização do pensamento, da vontade, da memória. Transmissão do pensamento.

Lucidez. Pitonisas e Sibilas. Visão através-de corpos opacos.

Exteriorização da motricidade, materializações e desmaterializações.

Fenômenos do animismo. Estado de transe; telepatia. Fenômenos espíritos; identidade da personalidade.

Experiências mediúnicas na América, França, Alemanha, de Crookes, Puel e Dupouy. Miss Cook e Katie King. — Formas e rostos de fantasmas.

Experiências de Zoelner, de Gieber com o médium Slade. Experiências de Nápoles, Roma, Milão, Varsóvia, com a médium Eusápiã.

Experiências de Pelletier, do coronel de Rochas, do professor Charles Richet; de Montfort l'Amaury pelos senhores G. de Fontenay e Camilo Flammarion.

Casas assombradas; de Louviers, de Roma, de Yzeures; o caso de

Constantina. Gabinete assombrado do Dr. Dariex.

* * *

Eis as conclusões a que chegou o Dr. Dupouy:

«Hã três elementos no sêr humano: a alma, o corpo psíquico e a matéria organizada. Em outros termos, o homem é um espírito incarnado.

A matéria é composta de elementos atômicos que recebe o princípio de vida duma fôrça inerente ao corpo psíquico. Todos os fenômenos fisiológicos estão sob a dependência imediata dessa fôrça; é ela que regula as manifestações vitais, que determina as ações físico-químicas do organismo.

O corpo psíquico não está limitado ao invólucro cutâneo. Constantemente está envolvido por eflúvios luminosos, visíveis a indivíduos sensitivos ou médiuns. Êle pode exteriorizar-se num campo neuro-dinâmico indeterminado e manifestar-se em condições particulares, por fenômenos psíquicos ou de mediunidade.

Esta fôrça pode reproduzir-se no campo neuro-dinâmico, tanto só, como aliada a uma fôrça da mesma natureza, provinda de um ou de diversos corpos psíquicos em estado completo ou incompleto de exteriorização. Nestas condições, ela determina fenômenos mediúnicos pertencentes ao animismo ou ao espiritismo, e, em certos casos, a ambos.

O corpo psíquico está intimamente ligado à alma, da qual recebe faculdades superiores que constituem sua própria essência, a inteligência e a vontade, e que êle pode exteriorizar com seus atributos próprios, como pode igualmente, em certas condições, exteriorizar a matéria ao estado radiante».

. . . «A quarta fase das ciências ocultas está representada pelas experiências de Crookes, de Richard Wallace e de seus colegas do real Instituto de Londres; de Charles Richet, Luys, Puel, de Rochas, Gibier, Baraduc e Flammarion, na França; de

Lombroso e de Tamburini, na Itália; de Ochorowicz, de Aksakof e de Iodko, na Rússia; de Robert Hare, Dale Owen, S. Mapes, na América, citando sómente os sábios mais conhecidos.

Essas experiências demonstraram o êrro das teorias do materialismo doutrinário, — o qual aceita a Fôrça unicamente como uma propriedade da Matéria, recusando-se a reconhecer a Fôrça vital, o corpo psíquico, tão perfeitamente posto em evidência por milhares de factos autênticos.

Esta nova ciência irá exigir:

Da *física*, o exame, como o indicou de Rochas, da natureza da Fôrça psíquica pelas ações mútuas que podem exercer-se entre ela e as outras fôrças brutas da natureza, som, luz, calor e eletricidade;

Do *espiritismo*, a determinação do modo por que pode ser posto em jôgo a fôrça psíquica por inteligências pertencentes a entidades invisíveis.

Como eu já disse anteriormente, a ciência psíquica de agora em diante faz parte da biologia positiva.

Demais, não ouvimos, hà pouco, o Dr. Lancereaux fazer gravemente à Academia de Medicina, uma comunicação relativa ao caso de uma mulher dotada da dupla vista, que, em estado cataléptico, predisse o momento preciso do fim de suas crises?

Não assistimos com grande satisfação, neste mesmo ano (1905), à criação dum *Instituto Psicológico*, para estudar os fenômenos psíquicos, contando entre seus membros fundadores: d'Arsonval, membro do Instituto, da Academia de Medicina e professor no Colégio de França; Bergson, membro do Instituto e professor do Colégio de França; Brissaud, professor na Faculdade de Medicina; Weiss, professor adjunto da Faculdade de Medicina, etc. ?

Êstes grandes sábios oficiais compreenderam que a ciência já não deve ser limitada a simples bagagem de nossos conhecimentos adquiridos. Êstes pensam que há perquirições a fazer aos confins da psicologia, da biologia e da física, sem outra preo-

cupação senão a de pedir à experiência a solução da seguinte proposição :

«Qual é a parte de realidade objetiva e qual a parte de interpretação subjetiva nos factos descritos sob os

nomes de sugestão, telepatia, mediunismo, levitação, etc.»

Hoje, a questão está claramente colocada, e pode-se dizer, pela primeira vez, que a verdade está a caminho».

A Propósito das Visões Supranormais de Swedenborg

⇒ Prof. ERNESTO BOZZANO ⇐

O amigo César Vesme publicou em *Revue Métapsychique*, longo artigo intitulado : «Swedenborg e suas revelações sobre as condições da vida no Outro-Mundo».

Ora, segundo meu modo de pensar, êsse artigo repousa sobre induções e deduções que não estão conformes à questão bem posta.

Essas induções e deduções contrastam com as que formulei em meu estudo : «Revelações transcendentais e objecção antropomórfica». Torna-se mesmo evidente que se julga assim solapar indiretamente as conclusões ás quais cheguei no estudo em questão.

Proponho-me pois a discutir com a intenção de retificar o que de errado há na interpretação do problema, por meu contraditor.

Minha primeira retificação concerne a esta observação que boa parte dos defensores das hipóteses opostas : Animismo e Espiritismo, recorrem ao deplorável expediente de escolher por entre os factos os que lhes convém, desprezando prontamente tudo o que possa embará-los. A observação não deixa de ser verdadeira neste sentido, preciso é reconhecê-lo, que os adversários da hipótese espírita, a começar por Frank Podmore e terminando pelo famoso Professor Yastrow, se mostraram e ainda se mostram bem mais culpáveis, no terreno da probidade científica, do que os defensores da hipótese espírita. Em todo o caso, êle assim conclue :

«Efetivamente, nessas condições, não é difícil, a cada um deles, tirar tudo o que se quer da análise comparada das revelações, inclusive a concordância entre elas».

Quanto a mim, apresso-me a retificar essa acusação geral, observando que se —segundo êle— ela está fundada na maioria dos casos, ela não concerne pessoal-

mente e menos ainda ao método que eu aplico na seleção do material transcendental a submeter aos processos da análise comparada e à convergência das provas. E o que concerne à seleção do mesmo material, Vesme não quererá negar a absoluta necessidade, visto que todos — animistas e espíritas — estamos de acôrdo para reconhecer que «90 % dos sujetos que automaticamente escrevem «mensagens transcendentais» não são médiuns, mas pseudo-médiuns».

Isto dito, e achando-nos todos de acôrdo sobre êste facto, que grande número de comunicações do gênero, não passam de palavrório emanado das profundezas oníricas da subconsciência, resulta que severa seleção se impõe nas mensagens recebidas, seleção que naturalmente, não deve consistir em escolha *arbitrária* e subjetiva, segundo a generalização de meu contraditor, mas deve ser, contrariamente, *racional* e *inexorável* no sentido por mim proposto. O que quer dizer que se deve impiedosamente «rejeitar» — mesmo correndo o risco de algumas vezes cometer enganos, por excesso — as mensagens transcendentais que não estejam apoiadas sobre excelentes provas de identificação dos mortos ; ou, pelo menos, não tendo sido recebidas por médiuns de primeira ordem, com os quais se ha obtido e se continua a obter notáveis incidentes de identificação espírita, acompanhados de informações ignoradas por todos os assistentes.»

Depois do que, eu havia acrescentado : «E' claro que só atendo-se a êste sistema inexorável de seleção é que se chegará a dispor de valiosa coleção de mensagens autenticamente mediúnicas».

Pois bem ! Foi precisamente êsse sistema impiedoso, mas racional, de seleção, que empreguei em meus penosos esforços para submeter ao cimento da análise com-

parada e da convergência das provas, o material das «revelações transcendentais». Segue-se que a imputação que Vesme faz a numerosos pesquisadores desleais, de modo algum se aplica a meus trabalhos. Assentado isto, as conclusões a que cheguei devem ser consideradas como cientificamente legítimas, porque elas são estatisticamente deduzidas da enumeração dos episódios contidos nessas mensagens.

Tal é minha primeira retificação. Como se vê, ela revela importancia fundamental.

Minha segunda retificação é relativa a esta circunstancia que Vesme — quando êle tenta demonstrar que as «revelações transcendentais» não possuem valor algum — reconhece que para o demonstrar necessário seria fazer o que fiz, isto é, aplicar precisamente os processos científicos da análise comparada e da convergência das provas. Mas ao mesmo tempo observa que para o conseguir, «necessario seria, infelizmente, um trabalho de longo «fôlego», emprêsa que êle não pode assumir. Êle continua a discutir, declarando: «Mas o mesmo resultado pode ser atingido — se bem que de maneira menos completa e palpável — analisando unicamente determinada *matéria-tipo (sujet type)*». Depois do que êle se põe a analisar as visões de Swedenborg que são a «matéria-modêlo» por êle escolhida, se bem que elas se verificassem um século antes do movimento espírita, dando assim uma prova de preferência «subjetiva», assás semelhante às que êle justamente condenou!

Como quer que seja, facto é que o método adotado por Vesme não pôde ser mais anticientífico, visto a impossibilidade de aplicar o processo da análise comparada e a convergência das provas a uma única série de mensagens transcendentais obtidas por um único vidente, não sendo, portanto, lícito afirmar que com êste método pôde ser atingido o «mesmo resultado». Pelo contrário! Com efeito, é bem evidente que, se não applicarmos os processos de investigação científica, não fazemos obra científica, mas de fantasia, e, consequentemente, nullo será o resultado. E, todavia, é êste o método escolhido por meu contraditor para fazer triunfar o seu ponto de vista! Daí concluo que, se êle nada melhor pode encontrar para me opor, então, o triunfo de minha causa é certa.

Nada mais aduzirei a êste assunto, parecem-me suficientes minhas explicações.

E eis uma terceira e necessária retificação. Vesme, depois de ter relatado os episódios mais conhecidos da clarividência de Swedenborg, que com razão explica pela telepatia (visto que no caso da rainha Ulrique, esta tinha em sua memória o acontecimento que desejava obter a título de prova de identidade, e que no caso de Mme de Manteville, houve perfeita coincidência entre seu sonho verídico e o mesmo sonho idêntico de Swedenborg), depois de haver relatado, digo eu, êstes incidentes, observa:

Eis, pois, uma circunstância, um problema que se impõe, que reveste capital interesse: E' que quando uma das comunicações de Swedenborg, supostamente sobrenatural, era de natureza a poder ser controlada, ela era infalivelmente reconhecida exata... Portanto se pensamos que as descrições do Outro Mundo, fornecidas por um médium, *podem ser tidas por verdadeiras quando o médium forneceu brilhantes provas de vidência*, ou — admitamô-lo para discutir — conversar com os espíritos, as descrições do «Profeta do Norte» são bem aquelas cuja veracidade devemos racionalmente acolher. *Mas, então, sejamos conosco mesmos consequentes até o fim*».

Após o que êle enumera todos os absurdos narrados por Swedenborg, absurdos que, em nome dos argumentos acima, deveriam ser tidas por verdadeiras, inclusive sua conversação com o Pai Eterno, sustentada na segunda pessoa (*tu*) e sua viagem aos planetas do sistema solar, cujos habitantes descreve, cometendo monstruosos êrros de física sideral!

Eu observo que o dilema formulado por Vesme, é uma réplica em contradicção com o dilema que eu próprio formulei sobre o mesmo problema, nêstes termos:

«Não é racional reconhecer a autenticidade das manifestações mediúnicas dos defuntos, para em seguida negar todo o valor às informações sobre o meio espiritual fornecidas pelos mesmos defuntos nas mesmas mensagens».

Apresso-me a observar que esta última precisão específica — «nas mesmas mensagens» — é de natureza a cavar um abismo entre o que afirmo e o que me opõe o meu contraditor. Efetivamente, se ilógico parece, a ponto de atingir a raia

do absurdo, que milhares de defuntos comunicantes tenham sempre dito a verdade sobre o que podia ser controlado e tenham mentido sobre o ambiente em que se encontram, e *isso nas mesmas mensagens*, se tal pretensão parece inepta e insustentável, provável é, e mesmo cem vezes provado, que existem sensitivos que teem visões verídicas de todas as espécies, mas sujeitos a visões falsas, mais numerosas ainda que as outras, sobretudo quando se trata de sensitivos cuja receptividade supranormal é gravemente influenciada por mentalidade saturada de preconceitos. E é este bem o caso de Swedenborg e suas visões transcendentais, as quais — *que seja isto bem notado!* — não são mensagens obtidas mediunicamente, mas visões subjetivas sobrevindas durante o sono ou em estado de semi-sono, visões que não passam de reflexos mais ou menos fieis das prevenções religiosas estaticamente organizadas em seu cérebro.

O mesmo pode-se dizer das pretensas «revelações» de Santa Teresa: E' psicologicamente inevitável que do subconsciente duma grande sensitiva, saturada de misticismo cristão, emergissem informações espirituais correspondentes ao que, desde sua tenra infância, se organizou em seu espírito. Ademais, é preciso acrescentar que em virtude do método de seleção que preconizei e apliquei, as revelações de Santa Teresa devem ser completamente eliminadas, *visto faltarem-lhes as consolidações por provas de identidade de defuntos comunicantes*. Só poderiam ser aceitas como um «ato de fé» e os «atos de fé» não são científicos. Como já o disse, as provas da natureza indicada, são indispensáveis se quisermos reunir um acervo de revelações transcendentais de verdadeira origem mediúnica, ainda que assim agindo não possamos escapar ao in-

conviniente de eliminar parte de bons materiais.

Limito-me ao exposto, porque supponho ter demonstrado amplamente, que em consequência da falsa interpretação do problema, por meu contraditor — interpretação sobre que se apoiam e se desenvolvem seus argumentos—tombam inexoravelmente as conclusões às quais chegou, em opposição às minhas que são cientificamente legítimas, porque estabelecidas sobre dados estatísticos obtidos pela análise comparada de grande número de coleções do gênero, já colecionadas por método rigorosamente racional e imparcial, em homenagem à investigação da Verdade pela Verdade.

Também sinceramente declaro que essa tentativa injusta de destruir os resultados duma tarefa que me custou longos anos de dura fadiga, produziu-me um sentimento de profundo desânimo. Por essa tentativa quis-se insinuar que meu trabalho não passa de efêmero empreendimento como tantos outros, porque os documentos amontoados de acôrdo com os métodos de investigação científica, em realidade só foram escolhidos com a intenção deliberada de provar a tése desejada. Nada mais contrário à Verdade, no meu caso. Mas as insinuações de meu contraditor nada mais são do que a consequência de irreduzível prevenção que o domina, prevenção que não foi vencida por estudo indispensável e científico de uma questão particularmente complicada e difícil, sómente acessível pelos processos da análise comparada, aplicados a adequado número de coleções de mensagens severamente joeiradas segundo as regras que já formulei. Nenhuma dúvida é possível: Não é assim que alguém pode arrogar-se o direito de discutir com conhecimento de causa.



Ama o teu inimigo, porque ou êle é executor da Divina Justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da sua Providência para exercitar a tua paciência, provar a tua constância.

Ama o teu inimigo, porque Deus perdoa a quem perdoa, e mais nos perdoa Êle na menor ofensa do que nós ao ódio de todo mundo nos maiores agravos.

Ama o teu inimigo porque as setas do seu ódio, se as receberes com outro ódio, são de ferro, se lhes respondes com amor, são de ouro.

Ama o teu inimigo, porque melhor é a paz que a guerra, e nessa guerra a vitória é fraqueza e o ficar vencido triunfo.

Ama o teu inimigo, porque êle, em te querer mal, parece-se com o Demônio, e tu, em lhe querer bem pareces-te com Deus. — PADRE ANTONIO VIEIRA.

Desmaterialização da Matéria

— «*Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer...*» (João, Cap. 16 v. 12).

E' um assunto deveras complexo e interessante êste da passagem da matéria através-da matéria ou da sua desmaterialização. Em torno do mesmo muito já se tem dito e escrito, e muito ainda se terá a dizer e a escrever. E' um tema sempre novo. E' o fenômeno que a ciência espírita, através-de sábios investigadores, já estudou e classificou devidamente, e ao qual está íntimamente ligado um grande número de outros fenômenos, ainda por classificar, à espera de quem os queira pesquisar.

Sôbre êste palpitante tema, vamos pedir, para o nosso esclarecimento, o testemunho do grande sábio *Dr. Johann Carl Friedrich Zollner*, buscando em sua maravilhosa obra «*Física Transcendental*», na comprovação científica de alguns casos de fenômenos dessa natureza, realizados pelo *médium Slade*.

Diz-nos o *Dr. Zollner*, no Capítulo VII, da sua obra, que comprára dois caramujos, um menor e outro maior. A abertura quasi circular, tinha um diâmetro de 43 milímetros, no maior, ao passo que no menor apenas media 32 milímetros, na sua maior extensão. «Certa noite — prosegue o ilustre sábio — sem nenhuma intenção pús o caramujo maior sôbre o menor, ficando êste quasi totalmente coberto. Quando *Slade* — continua o *Dr. Zollner* — segundo o seu hábito, segurou em baixo da mesa uma lousa, ouviu-se imediatamente um ruído, como a queda de um corpo sólido sôbre ela. Sendo retirada a lousa, sôbre ela achou-se o caramujo, que apenas um minuto antes estivera sôbre a mesa coberto pelo outro!

Dêsde que êsse se tinha produzido sem o concurso de nossas mãos, aí estava a chamada «penetração da matéria», que tem sido tantas vezes observada e desta vez tão inesperadamente. Logo depois de ter *Slade* retirado a lousa de sob a mesa — escreve ainda o *Dr. Zollner* — eu segurei no caramujo, com o fim de verificar qualquer alteração física que por acaso pudesse ter tido lugar. Surpreendeu-me achá-lo tão quente, que, quasi tornou-se-me impossível conservá-los entre os dedos. Passei-o imediatamente ao meu ami-

go, que verificou essa extraordinária mudança de temperatura. Esta circunstância parece-me ser de certa importância, em relação aos fenômenos que se seguem. Às 7 horas da noite do dia 9 de Maio, achava-me só com *Slade*, em nosso gabinete. Dois argolões de madeira e duas tiras de couro mole estavam ligadas a um pedaço de *catgut* de um milímetro de espessura e de 1,05 de comprimento. As duas extremidades do *catgut* foram amarradas juntas e depois lacradas. Depois de termos, *Slade* e eu, nos sentado à mesa, colloquei as mãos na extremidade lacrada do *catgut*. Decorridos alguns minutos, *Slade* assegurou-me, como geralmente durante os fenômenos físicos acontecia, que estava vendo luzes, e em seguida sentimos um cheiro de queimado, como que procedendo de sob a mesa e fazendo lembrar o cheiro de ácido sulfúrico. Logo depois ouvimos um ligeiro ruído que vinha da mesa próxima, como de pedaços de madeira chocando-se. Em seguida, abandonámos os nossos lugares, afim de verificarmos a causa do ruído pressentido. Com imensa surprêsa, achámos os dois argolões de madeira, que minutos antes achavam-se presos ao *catgut*, circulando o pé da mesa pequena. O *catgut* achava-se amarrado, em dois nós soltos, e o pedaço de tripa dependurado, sem alteração alguma!...

Através-da mediunidade de *Slade*, foram ainda realizados outros trabalhos dessa natureza, tais como levitação de mesas, de cadeiras, móveis pesados, etc. Cadeiras foram penduradas nos braços dos assistentes, quando êstes seguravam firmemente, entre si, as mãos! Nós, foram amarrados, em cordas, cujas pontas achavam-se previamente amarradas e lacradas juntas!

* * *

Gustavo Le Bon também muito se interessou por essa espécie de fenômenos. E das observações dêsse sábio que mais sensação despertaram, na época em que foram realizadas, revolucionando as idéias então correntes, como postulado científico, na Física, foi precisamente a demons-

tração que êle também denominou «a desmaterialização da matéria», em consequência da radio-atividade, não de um ou de alguns determinados corpos, mas de todos os corpos, como um fenômeno universal.

Diz-nos *Leopoldo Cirne*, porém, que as mais surpreendentes dessas experiências foram realizadas em *Nova York*, pelo não menos ilustre sábio dr. *Paul Gibier*, com o médium *Salmon* que, encerrado numa gaiola, com varões de ferro, fechada a cadeado e lacrada, e que foi fabricada especialmente para a experiência, foi, em mais de uma ocasião, depois de cessada a momentânea obscuridade para a produção do fenômeno, encontrado do lado de fora, estando a gaiola perfeitamente fechada e lacrada, como antes, e os varões ainda quentes, como a atestar o processo de desmaterialização e recomposição imediatas. (DOCTRINA E PRÁTICA DO ESPIRITISMO — 1.º Vol. pag. 321 e 2.º Vol. pags. 17 e 137).

Embora tais fenômenos possam parecer absurdos, pela derrogação de velhos postulados da Física, tidos como intangíveis à Evolução da Ciência, nem por isso podem ser contestados, dada a evidência da demonstração comprovada dos mesmos.

* * *

E' sabido, até pelos incientes no assunto, a importância do papel que desempenha a vontade humana em todos os fenômenos do magnetismo.

Mas, como se ha de explicar a ação ponderável e material de tão sutil agente? perguntarão muitos.

A vontade, como é sabido, não é um sêr qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é, pois, um atributo essencial do espírito, ou seja do ser pensante. Com o auxílio dessa poderosa alavanca, êle atua sôbre a matéria elementar e, por sua ação consecutiva, reage seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. (FACTOS ESPÍRITAS — *Williams Crooks* — pág. 130).

* * *

O Cristo, mais do que qualquer outro sêr, e isso é obvio, possuía no mais alto grau essa faculdade, que fazia da sua vontade a mais poderosa alavanca que se possa conceber!

E para não enfastiar, citaremos, muito de passagem, alguns desses efeitos, buscando-os nos Evangelhos, onde o Divino Mestre demonstrou praticamente, do quanto era capaz de realizar. Assim, por exemplo, na tempestade aplacada, na multiplicação dos pães e dos peixes, na transformação da água em vinho, na sua prisão, nas inúmeras curas que realizou, embora tenham êsses efeitos sido considerados miraculosos pelo vulgo ignorante, ficam mais que evidenciados os poderes de que era dotado o Divino Messias, o Rabino da Galiléia.

E ainda hoje isso só poderá escandalizar aos homens de pouca ciência, pois os que estudam sabem que até o perispírito, élo intermediário entre o corpo e o espírito, possui a propriedade inerente à sua natureza íntima, que é a penetrabilidade, sendo que matéria nenhuma lhe opõe obstáculo, atravessando êle todos os corpos, como a luz atravessa os corpos transparentes. (LIVRO DOS MÉDIUNS, *Allan Kardec*. n.º 106).

Êsse singular fenômeno da passagem da matéria através-da matéria, tem, para nós, o sabor dos factos consumados, pela explicação racional dada ao mesmo pelo insigne investigador inglês *Williams Crooks*, com a qual estamos de pleníssimo acôrdo.

Diz aquele sábio, com grande proficiência, que os «átomos da matéria que atravessa passam pelos intertícios que separam os átomos da matéria atravessada», sem derrogar, é claro, o princípio de física universalmente conhecido — «de que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.» (FACTOS ESPÍRITAS — *William Crooks* — pag. 50).

Como, pois, pasmar diante do que o Cristo, suprassumo de todas as virtudes e de todos os poderes, podia realizar com as faculdades de que era dotado?

E foi usando desses poderes e dessas faculdades, das quais fez grande alarde na sua permanência na terra, que êle, certamente, preparou todos os pormenores para a sua descida a êste mundo.

Negar tal evidência e tais factos, é dar atestado de crassa ignorância, até mesmo dos menores detalhes que pontilharam de fenômenos, os mais interessantes, a trajetória luminosa do Cristo-Jesus, à face do nosso planeta.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, — 1944.

ALLAN KARDEC

RELEMBRANDO as grandes datas do Espiritismo, temos por objetivo prestar as nossas homenagens, numa demonstração de solidariedade, reconhecimento e afeto, aos vultos que mais se distinguiram no trabalho da divina seara, e aos quais, sem a menor dúvida, devemos o cabedal de conhecimentos e bens espirituais de que estamos desfrutando a mancheias.

E' assim que, no próximo dia 31, transcorre o 75.º aniversário do desencarne do inconfundível missionário Allan Kardec que, secundando a imensa obra de espiritualização da humanidade, iniciada pelo Meigo Rabí da Galiléia, há quasi dois mil anos, veio acabar de descortinar, aos olhos dos homens materialistas e ateistas, os vastos e deslumbrantes horizontes da Vida Eterna.

Quanto mais o tempo avançar mais o nome de Allan Kardec brilhará como uma das estrelas de primeira grandeza no Céu do Espiritismo. Foi sob os auspícios da sua inteligência, do seu saber, do seu esforço perseverante e decidido que os Espíritos de Verdade lançaram os alicerces de um templo capaz de abrigar humanidades.

Discípulo de Pestalozzi, escritor emérito, professor de fisiologia, astronômia, química e física, Allan Kardec estava admiravelmente preparado para desempenhar a rude mas gloriosa tarefa que o Alto lhe confiara. E a desempenhou impecavelmente, com espírito de renúncia, humildade e tolerância e, em meio das dificuldades oriundas de diversos fatores, entre as quais as dos seus gratuitos adversários, empenhados na destruição da doutrina nascente, mais coragem tinha para levar a cabo a tarefa.

Os testemunhos que obtivera, por meio dos fenômenos e factos espíritas, da Imortalidade da Alma, ergueram-lhe a verdadeira fé na qual encontrou êle estímulo e fôrças para o prosseguimento da obra, ao mesmo

tempo em que os Espíritos lhe enviavam mensagens de conforto.

Léon Hyppolite Denizard Rivail, seu verdadeiro nome, desencarnou em Paris, 59, passagem Santana, II.ª circunscrição, em 31 de Março de 1869, na idade de 65 anos, em virtude da ruptura de um aneurisma.

A notícia causou dolorosa impressão entre os espíritas e amigos seus. Enorme multidão acompanhou ao Père Lachaise, os despojos mortais do Codificador.

Quatro orações foram proferidas à beira do túmulo do Mestre: a primeira pelo



ALLAN KARDEC

sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo sr. Camillo Flammarion, que não fez somente um esbôço do caráter de

Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mais ainda, e sobretudo, um exposto da situação das ciências físicas, do ponto de vista do mundo invisível, das fôrças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade. Em seguida tomou a palavra o sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e depois o sr. E. Muller que, em nome da família e de seus amigos, dirigiu ao morto querido os últimos adeuses.

Assinalando o 75.º aniversário do passamento de Allan Kardec, rememoramos um dos acontecimentos básicos do advento do Espiritismo, que traçou, sem dúvida, novos e promissores rumos à humanidade.

A Allan Kardec, pois, rendemos, num culto de amor e respeito, as nossas sinceras homenagens.

“O Espiritismo é Obra de Educação”

de Leopoldo Machado

Já tardava. O Leopoldo, a cuja assombrosa atividade estamos avezado, não pode parar, por momentos, sem que nos cause alarme.

Ora, ha 15 dias que não ouviamos falar de suas conferências; ha mais de mês que não liamos um livro seu. E pensamos com tristeza: — o *Lar de Jesus* absorveu-o todo!

Eis senão quando nos aparece, de pancada, duas obras, o *Teatro Espiritualista* e a *tese*, sob o título acima, por êle apresentada ao 1.º Congresso de Jornalistas Espíritas. E quanto a prédicas, está êle a estas horas já, em peregrinação pelo território paulista.

E' uma alegria e um consôlo sentir que o grande trabalhador empunha a enxada com crescente energia.

A *tese*, que ora temos em mãos, não poderia, de facto, circunscrever-se ao auditório em que foi proferida, nem ficar condenada ao *verba volant* dos discursos. O precioso documento, em boa hora editado pelo «O Clarim», será, dóra em diante, apreciado por tantos quantos tiverem a fortuna de possuí-lo.

«Assistimos ao esboroar de uma civilização que faliu em tudo», assim começa Leopoldo. E entra a indagar das causas que contribuíram para essa ruínia.

Não foi a falta da ciência, que estamos no século das luzes; nada falta ao homem para seu conforto material; a física e a química fazem prodígios... Não foi a da filosofia, que não a desconhece o estudante de humanidades... Nem a da religião, que as religiões andam em barda, e até sem imortalidade e sem Deus, como a de Augusto Comte. Nem a da sociologia, visto que nunca se falou tanto em doutrinas sociológicas. Nem a da moral, que os códigos superabundam.

Por falta de letras e de artes também não é; estas, cheia de tecnicos, já ultrapassaram a época. Correram tanto que entraram porvir a dentro, e os futuristas deixam os pas-

sadistas embasbacados. Além do mais, possuímos o radio e o cinema que as difunde.

Será excesso de trabalho, dado que êle traga a infelicidade, segundo a condenação bíblica? Não. Não o pode ser, depois da máquina, que o suavizou.

Não é nada disso, nos diz o Leopoldo, depois de nos fazer o acompanhar com a sua dialética, cheia de espírito, todos os campos da atividade humana. Não foi a falta de um desses campos, que tem causado a desgraça da espécie humana.

A maior e pior tem sido o materialismo grosseiro e absorvente, orgulhoso e egoístico.

Não podemos deixar de transcrever na íntegra, um dos seus períodos lapidares:

«As doutrinas materialistas, reduzindo os problemas sérios da vida a questões econômicas, de cuja solução fez depender a felicidade humana e para cuja solução vão açulando ódios tigrinos e armando guerras prestes a deflagrarem; o materialismo, dominando ciências e religiões, filosofias e problemas sociais, artes e esportes, é para nós a causa dos males da época, o responsável direto da situação criticíssima por que passa a terra».

Por ocasião da conferência, ainda não tinha rebentado o temível prélio de 1939, de sorte que se poderá dizer que o orador foi profeta.

Chega êle, por fim, à sua *tese*, que é o papel da educação, processo único de solucionar o problema. E nos apresenta a lição de Licurgo. Incumbido de um discurso sobre a educação, o legislador vem à praça com duas gaiolas. Ha nelas dois cães e duas lebres. Solta-se o primeiro cão e a primeira lebre: esta é logo estrapalhada por aquele. Solta-se o segundo cão e a segunda lebre: êstes confraternizam. Era efeito da educação.

Leopoldo passa em revista os grandes homens, diante do problema

da educação. E nos mostra como a encarava Confúcio, Zoroastro, Salomão, Moisés, Maimónide, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Caão, Seneca, Erasmo, sem falar em vários outros pensadores e mestres, que cita a propósito.

Estuda o homem, desde o «estulto» de Richet, e o «homem lobo do homem», de Robbes, até o homem-Deus do Cristo.

Os capítulos se vão sucedendo, simples uns, eruditos outros, mas todos compreensíveis, todos edificantes.

Até que aporta ao Cristianismo, para provar que o Cristo, com sua gloriosa missão, não podia prégar uma doutrina que não fosse a educação, quintessenciada, e ao Espiritismo, para afirmar que «essa doutrina multiforme, onímoda, grande e bela, através de quaisquer de seus aspectos», tem como diretriz maior a educação, visto como sua verdadeira obra, obra de educação, é o ensino dos Evangelhos em espírito e verdade.

Depois de um capítulo, que julgamos de grande utilidade, sobre o valor da educação na infância, e de mostrar a necessidade de começar a obra do Espiritismo pela educação da criança, desentulhando-a das muitas «babozeiras» que lhes ensinam, termina o autor o seu interessante opúsculo, com o esboço de um programa de educação. As conclusões vieram *dal capo*.

Quisemos parar aqui e ali para meter o garfo da crítica. Não foi possível. Eramos, levado sempre para a frente, sem tomar fôlego, que a pena do escritor parecia um ariete, tocando-nos para diante.

Que essa pena, a serviço das boas obras, a serviço do Evangelho, a serviço de nossa Causa não esmoreça jamais. E os nossos parabéns a «O Clarim» por salvar da poeira do arquivo tão prestadío trabalho.

Carlos Imbassahy.

Alguns Factos Anteriores ao Aparecimento do Espiritismo

«Constância»

Por Carlos L. Chiesa

(Vêr «Revista Internacional do Espiritismo», Novembro, 1943)

Depois de Swedenborg referir-se a certo número de esferas ou planos diferentes que expressavam graus de luminosidade e felicidade, a cada umas das quais vamos ter depois da morte, segundo as condições espirituais que tivemos em vida, diz o seguinte relativamente ao modo por que somos julgados :

«Alí somos julgados de maneira automática por uma espécie de lei espiritual que determina o resultado último que é o resultado total de nossa vida, de sorte que a absolvição e o arrependimento, de pouco proveito são no leito de morte».

Relativamente a suas visões nesses planos, expressa : Havia anjos e demônios, mas não eram de natureza distinta da nossa. Todos haviam sido seres humanos e viveram na terra, eram almas não evoluídas, no caso dos demônios, e consideravelmente desenvolvidos, no caso dos anjos.

Quanto à integridade da personalidade no plano espiritual, refere :

«Ao morrer, não se transformam em sentido algum. O homem nada perde, ao falecer, mas permanece homem em todos seus aspectos, todavia mais perfeito que no estado corpóreo, conservando não só suas faculdades, como também seu modo de pensar, inclusive suas crenças e prejuízos».

Referindo-se aos castigos eternos, — inferno, — e ao céu, sua vidência permitiu-lhe constatar que não havia castigos eternos; que, os que estavam nos infernos, podiam abrir seu caminho, se desenvolvessem o impulso necessário; e os que estavam nos céus, de maneira nenhuma eram permanentes, mas trabalhavam para chegarem a lugares superiores.

Também, por suas faculdades mediúnicas, pode constatar que, os que abandonavam este mundo, velhos, decrepitos, enfêrmos ou deformados, renovam

sua juventude e gradualmente voltam ao seu pleno vigor.

Pelo que se pode evidenciar do que extraímos das vidências de Swedenborg, se bem que salpicadas das crenças então imperantes, se delas as despojarmos, veremos que muito se aproximam dos conhecimentos que o Espiritismo nos proporciona. Parece ter havido um enlace de antecedentes ou preparação que culmina com a ocorrência do Espiritismo.

Vamos terminar as referências que comentámos, do ilustre vidente, afirmando que não era pessoa vulgar nem fanática.

Foi homem múltiplo em matéria de conhecimentos: engenheiro de minas, autoridade em metalurgia, astronomia e física. Ademais, era zoólogo, anatomista, financista, político e teólogo.

Publicou muitos folhetos científicos, depois desenvolveu sua mediunidade, ocorrida aos vinte e cinco anos de idade, que em nada afetou sua atividade mental.

Em outra ordem de fenômenos, parece evidenciar-se o desígnio por parte das esferas espirituais, para a fenomenologia espírita. Referimo-nos aos «Profetas de Albury», os quais se dedicavam aos estudos bíblicos.

No século XIX, esta corporação celebrava reuniões em Albury, imediações de Guildford, e na casa de campo do banqueiro Drumond, onde se reuniam para consagrar-se aos mencionados estudos bíblicos. Eram pessoas da maior reputação.

Nessas reuniões, em certas ocasiões, ouviam-se vozes de línguas estranhas às em que os adeptos se expressavam, produzindo-se, por vezes, curas milagrosas e outros sinais de intervenção espiritual.

Em julho de 1831, pouco antes do aparecimento do Espiritismo, circulou o rumor, na igreja de Irving, de que certos membros da corporação foram presa do estranho fenômeno de xenoglóssia, falando várias línguas e em seus próprios domicílios.

Em outubro do mesmo ano, o serviço religioso da mencionada igreja, foi subitamente interrompido por estranhos gritos que motivaram verdadeiro pânico. Os diários da época falaram do facto, fazendo comentários sumamente desfavoráveis.

As vozes de línguas desconhecidas procediam de homens e mulheres. Muitos

dos que presenciaram o fenômeno, ficaram profundamente impressionados.

Ao comentarem tais fenômenos psíquicos, diziam: «Há um poder na voz que parte o coração e se impõe ao espírito, de maneira jámais sentida até então. Ela possui cadência, magestade e grandeza, tais, como jámais ouvi cousa igual. E' algo tão parecido ás mais singelas e antigas intenções dos officios da catedral, que chego a crer serem reminiscências da remota época de Ambrosio e das inspiradas prégações da igreja primitiva».

Em alguns casos, o possuído pronunciava extensas alocações prescindindo das normas dogmáticas.

Então não podiam interpretar êsses factos, como hoje o Espiritismo permite fazê-lo. Êste nos apresenta um acervo de novos conhecimentos na matéria que tornam possível sua interpretação.

A mediunidade falante muito se assemelha ao que proferiam êsses possuídos, do que se infere que se estaria preparando, então, e com maior intensidade, tal mediunidade, que atualmente é o mais comum na atividade espírita. Seu destino, o dessa mediunidade, talvez seja ulteriormente interpretado em toda sua significação.

* * *

Os factos por nós expostos tendem a demonstrar que estava se preparando, no espaço, tal mediunidade ou mediunidades.

Talvez confirmem esta hipótese outros fenômenos que vamos relatar:

Referimo-nos às comunidades dos Shakers dos Estados Unidos.

Vamos dar a palavra a Conan Doyle:

«Aquela boa gente, diz o infatigável lutador da causa espírita, parece que tiveram concomitância, por uma parte, com os quakers e por outra, com os videntes de Cevennes que passaram à Inglaterra, fugindo à perseguição de Luiz XVI, e não podendo viver neste país devido a perseguição dos fanáticos, foram obrigados e emigrar para a América, estabelecendo-se em diversos lugares. Não surpreende, pois, que a nuvem psíquica da força extra-terrestre que envolve o nosso globo, corresponda áquelas altruistas mediunidades».

Em 1837, havia sessenta dessas cor-

porações, as quais possuíam distintos graus do poder em questão.

«Parece que os fenômenos começaram com os habituais ruídos anunciadores. Todos, homens e mulheres, deram mostras de estarem preparados para a ação espiritual. Sem embargo, os espíritos só se apresentavam depois de pedir permissão e a interválos que não dificultassem os trabalhos da comunidade. Os principais visitantes, eram espíritos de peles-vermelhas que chegavam coletivamente em forma de tribus. Um ou dois sacerdotes ficavam no piso inferior e depois de darem um golpe à porta, os índios perguntavam se podiam entrar. Obtida a permissão, toda a tribo de índios, em espírito, entrava em tropel e ao cabo de poucos minutos, ouviam-se os gritos: «Yup, Yup». Êsses gritos emanavam dos mesmos órgãos vocais dos Shakers, mas como êstes estivessem sob o contrôle dos mesmos índios, entre si falavam a língua índia, e executavam suas dansas, em tudo demonstrando que realmente estavam possuídos dos espíritos de peles-vermelhas, de tanta atividade nas manifestações espíritas, como guias espirituais».

«Quando os espíritos peles-vermelhas apareciam nas sessões dos Shakers (as visitas duraram por espaço de sete anos), anunciavam a seus hospedes que voltariam e então invadiriam o mundo, entrando tanto nos palácios como nas cabanas».

Do que parece depreender-se que tinham conhecimento que ia ser iniciado ulteriormente o que seria chamado Espiritismo, o qual realmente hoje está «tanto nos palácios como nas choupanas». Não se poderia exigir confirmação mais exata.

Se a êstes factos ajuntarmos a mensagem que recebeu Andrew Jackson Davis, na memorável data de 31 de março de 1848, data do nascimento do Espiritismo, possível é apanhar uma visão de conjunto.

A mensagem dizia: «Esta manhã, ao amanhecer, um hálito fresco passou sobre meu rosto, e ouvi uma voz terna e firme, que me dizia: «Irmão: está começado o bom trabalho; contempla a demonstração viva que se inicia». Pús-me a meditar sobre o significado de tal mensagem».

A hipótese da elaboração de um pla-

no, por parte das entidades espirituais, se robustece, se considerarmos êsses acontecimentos com toda a imparcialidade que deve ser a característica de todo o investigador impulsionado, de boa fé, a falar a verdade.

Por outro lado, alguns Shakers que visitaram as irmãs Fox, após o início do movimento espírita, entre êles Elder Evans, asseguraram «que era aquela a obra profética».

Disto se deve inferir que o Espiritismo não tenha berço, porque o tem e bem inconfundível, em 1848, na casa Fox, Hydesville. Inconfundível, porque de então para cá é que se trata de analisar os fenômenos supranormais; e é desde então que êsses fenômenos perdem o caráter do sobrenatural; e daí para cá se passa a colaborar de maneira franca e consciente com as entidades do espaço e, graças a essa colaboração, o mundo dos homens entrou na posse de verdades que ignorava.

São essas as verdades que permitiram interpretar os fenômenos parapsíquicos que a história registra. Não são êstes que dão a interpretação do Espiritismo, mas êsté o que conduz à interpretação daqueles.

Êste é outro dos formosos valores que arroja o Espiritismo.

Apresentou-se ao mundo para ser amplamente investigado, sem ocultar-lhe os segredos, até aonde o homem podia ir, e está sempre disposto a oferecer até onde pode chegar, e assim é que descobre leis que o homem ignorava, ac mesmo tempo que arraigou conscientemente a certeza da imortalidade.

Talvez um espírito seleta seja capaz de ir mais além e descobrir o parentesco, os élos dos fenômenos espirituais que a história registra, fenômenos que se tem produzido em todas as épocas e lugares, para culminar em Hydesville, provocando a atenção universal.

Tão transcendente acontecimento, não tem comparação na história do espiritualismo, foi a virtude do Espiritismo que Deus quis se iniciasse num lugar humilde e nobre, e em duas ternas criaturas do mesmo lugar, incapazes de mistificar, e tão decididas como convencidas de sua grandiosa missão, apesar de sua pouca idade.

Observações Exparsas...

LEOPOLDO
MACHADO

(PELA UNIDADE DOUTRINÁRIA DO ESPIRITISMO)

EM importante cidade mineira estação balneária, ouviu-nos, pela segunda vez, no centro espírita local, um «confrade» do Rio, que não conhecíamos.

«Espírita» que só frequenta a «tenda espírita» em que desenvolveu sua mediunidade. Sempre desejara nos ouvir, e a outros conferencistas, em outros centros. Mas, nunca tivera ordem de seu guia para tanto. E na «tenda», o guia chefe, porque da «tenda» e não dos médiuns, adverte aos guiados que, no dia em que forem a outros centros, serão abandonados por seu «anjo da guarda». Misturar espiritismos, nunca! Só ali, na «tenda», havia espiritismo de primeira linha. Havendo onze linhas de espiritismo—ensina o guia da Tenda — as outras dez linhas, todas inferiores. As praticadas nos outros centros espíritas. Por isso que deviam ser evitados, todos eles e a todo custo! E êle, que não queria perder o «anjo da guarda», que lhe deram na «tenda», que é Vicente de Paulo, nunca pudera nos ouvir, não conhecia outro espiritismo. Ganhara seu «anjo da guarda», São Vicente de Paulo, no dia de seu batismo, na «tenda». Batizados os neofitos, o «guia da tenda» vai distribuindo, à vontade, anjos de guarda, guias espirituais...

E não se tratava, absolutamente, de um *legalbé*, mas de importante funcionário dos Correios Gerais.

Isto, dentro de uma Doutrina que tem unidade doutrinária, códigos perfeitos, mestres infalíveis, aí está o ensino dos Evangelhos e da Codificação, o Cristo e o Kardec para afirmá-lo. Mas, não havendo estudo da parte dos que a seguem, que vale tudo isto? E a verdade é que, sem estudos sérios e metódicos, impossível um Espiritismo sã e puro. Impossível a prática do Espiritismo como deve ser praticado. Doutrina onímoda e complexa, evolutiva no tempo e no espaço, não ha de ser e não póde ser feita seriamente sinão por aquele que a tenha estudado e sentido bem. «Nunca se disse que o Espiritismo fôsse uma ciência fácil», adverte Kardec. «Do Espiritismo sa-

bemos, apenas, o a b c», lamenta Flamarion. «Do Espiritismo já se disse a primeira palavra, mas nunca se dirá a última», previne o Codificador. Assim, não é possível que se seja espírita e se faça Espiritismo sem conhecimentos da Doutrina Espírita, encabrestado por falsos guias de falsíssimas tendas ou centros espíritas, que, de Espiritismo real, só tem o rótulo. E, às vezes, nem o rótulo...

Tudo isso foi dito ao «espírita» da «tenda», que nos ouviu, dizendo-se-lhe também, que o Espiritismo é só um, que não batiza nem distribue guias à vontade a ninguém...

* * *

Outro «espírita» de cabana veio contar-nos sua história, sua conversão ao Espiritismo. Já nos conhecia bem, porque devia, em parte, sua conversão a um facto em que atuara um companheiro nosso, do «FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE».

Fôra para o Espiritismo por um caso de moléstia na esposa. Moléstia com que os médicos consultados não atinaram. Mas, era gravidez, revelou a nosso companheiro um espírito consultado a pedido de amigos da família. «Se fôr gravidez, eu romperei minha carta», afirmou, cheio de ciência e de segurança, um dos médicos. Foi gravidez e o médico não rompeu coisa alguma. A garota viva e bela ali estava, às nossas vistas, a encher os pais de alegria. Para serem gratos ao Espiritismo, procuraram uma «cabana espírita». Aí, passaram ao nosso companheiro o atestado de mistificador e de mistificação ao seu espiritismo, que é também, o nosso. E ele ficou na «Cabana». Mas, já estava meio desiludido, depois que o guia da cabana ordenara aos cabaneiros que tinham de levantar uma obra completa, de assistência social, orçada em dois mil contos, ou dois milhões de cruzeiros. Como obter o dinheiro? Era o que menos importava, que o dinheiro já estava obtido, guardado e bem guardado em terras goianas. Era só irem buscá-lo. Foram buscá-lo em caravana, de automovel, viagem dispendiosíssima e fas-

tidiosa, orientada pelo guia a se manifestar à vontade, durante a viagem. Mas, voltaram cansados, desiludidos, de mãos vazias...

Esse «espírita» nunca ouvira uma conferência, sinão dos guias da «cabana», mediúnicas, que na «cabana» os espíritos fazem tudo e os espíritas nada, ou quasi nada. O que ouvira alí, nas conferências que proferimos, fôra bem o afastamento da cortina que estava lhe vedando um mundo novo, diferente, melhor...

Esse espiritismo que tudo espera dos espíritos...

Para muitos espíritas, até de «cultura» e projeção no meio espírita, o Espiritismo é obra dos espíritos e não dos espíritas... como se os espíritas não fossem espíritos encarnados! E' verdade que o Espiritismo irá e vencerá «com os homens, sem os homens e a-pesar dos homens». Não é, porém, menos verdade que o Espiritismo estagna-se e não avança um passo, nas cidades e nos centros em que os espíritas abdicam de tudo, esperando sómente pelos espíritos; que o Espiritismo vai, que é uma beleza, nos meios em que haja um espírita, pelo menos, dinâmico, bem orientado, trabalhador. Dizemos *um espírita pelo menos*, que é bem o que se observa por toda parte, a dentro até de diretorias cheias de nomes e mais nomes: só um ou dois trabalham realmente, eficientemente...

* * *

No hotel, em conversas de sésta, troca de impressões e factos sôbre coisas do Espiritismo.

—Eu assisti—contou-nos um da róda — uma sessão interessantíssima, íntima, em casa do Dr. Jaime Ferreira da Silva, médico-militar. Presente um grande político, o ex-deputado Pessoa de Queiroz, vi baixar o espírito de João do Rio e improvisar: «Se o Emilio de Menezes fôsse vivo, diria:

Olhe o Queiroz espírita,
Que bôa!
Campeão de muita fita,
Mas, uma bela pessôa.

—Dessas, temos assistido muitas, que valem, apenas, pela originalidade, o lado espectacular. E, já agora, o Espiritismo é alguma coisa mais do que o simples fenómeno espírita. E' Doutrina Reforma-

dora, que tende a reformando o homem, prepará-lo para solucionar todos os problemas da Vida, até os de ordem económica, creia. Sua fase fenomenológica já passou. E foi menos brasileira do que estrangeira, que os brasileiros querem o Espiritismo de preferência como religião, e não como ciência. Foi até providencial que o Espiritismo viesse para o Brasil depois de receber no estrangeiro, principalmente entre povos frios como o inglês, o batismo da ciência e da filosofia. Veio ele, assim, feito filosofia e ciência da França e da Inglaterra, da Alemanha e da Italia, para fazer-se a mesma Doutrina do Cristo, interpretada em espírito e verdade, no Brasil, entre os brasileiros. Por isso que, entre episódios de quem se regenera e trabalha pela regeneração humana e fenomenos puramente espíritas, preferimos os episódios de regeneração, por preferirmos o convertido, que é aquele que estudou, compreendeu e sentiu a Doutrina, procurando, com o que sentiu, compreendeu e estudou, beneficiar os semelhantes, aos convencidos de que o Espiritismo é a verdade, sem, entretanto, envidar o mínimo esforço para tocar para diante essa verdade...

* * *

Outro «confrade» recém-chegado, também espírita de «cabana»...

Nunca leu uma obra, nunca frequentou outro centro afóra sua «cabana», mas, sabe tudo. E só com dois anos de Doutrina! A tudo que se lhe pergunte, afirma que responde com precisão e lógica. Milagre dele ou da Doutrina? Só pôde ser dela, que o Espiritismo invalida o milagre. E' revolucionário, agitado, conversador. Todo o hotel sabe, àquela tarde mesmo, que êle é espírita, e quais seus planos dentro do Espiritismo, que é a fusão de todas as religiões no Espiritismo. «Como gloriosa missão de um grande missionário, talvez um dia...»

Cortou-nos a palavra, para afirmar que era esta a sua missão.

A *atuação* manifestou-se aqui, flagrantíssima. Contudo, perguntamos-lhe:

—Com que recursos conta para isto?

—Com a minha moral, que de outros recursos não preciso. E a moral póde tudo, hom'essa!

—Mas, se o Cristo, que era Moral por si mesmo...

— Os tempos, hoje, são outros, muito diferentes.

— Diferentes para peor, porque mais complicada a Vida. E, diante da cultura do século, e dos mil e um meios de distrair a atenção dos homens, menos possibilidades aos apóstolos para a disseminação de sua fé.

— De cultura não preciso para a disseminação de meu ideal...

— O Espiritismo não dispensa, entretanto, estudos, cultura. Por isso que, Allan Kardec...

— Eu, para pensar e resolver, não preciso de Allan Kardec.

— E como sem estudos sérios pôde o senhor...

— Nada li, nada leio. Não preciso estudar para acertar. Além da intuição e das reminiscências das vidas vividas, meus guias espirituais me dizem tudo, poupando-me, assim, o trabalho de andar estudando.

— O amigo é, então, um prodígio. Eu ando a estudar o Espiritismo há vinte anos, sem encontrar, felizmente, tais guias. Digo *felizmente*, porque não os queria, que não podiam ser meus amigos, os que me poupam ao trabalho santo e purificador, para atirar-me à indolência criminosa dos que gostam de encontrar «o prato feito»...

— Modos de ver. Se o senhor estuda o Espiritismo há vinte anos sem atingir o que eu consegui em menos tempo, porque nem todas as inteligências são as mesmas.

— Ahn! Aí está o X do problema. O senhor, além dos guias que lhe dizem tudo e das intuições e reminiscências, ainda possui uma inteligência incomum. Donde a graça de tudo saber e a tudo responder sem carecer de estudos...

— Pergunte o que quiser e verá.

— Pois bem: vou perguntar-lhe uma coisa que nunca pude compreender:

Deus precisa do homem para alguma coisa?

— Para nada. O homem é que precisa de Deus.

— Muito bem!

— Então? Não é uma resposta?

— Eu, porém, não formulei, ainda, a pergunta. Quis, apenas, preparar o campo. Se Deus não precisa de nós para nada, porque nos teria, então, creado? Nós, uns *biscas* tão ordinários, que Deus chega até, como se vê na Bíblia, a arrependê-se de nos ter creado?

O *iluminado* nos olhou, embaraçado, e respondeu:

— Deus nos criou para povoar a Terra.

— E' uma resposta que não justifica nenhuma superioridade de inteligência, que não satisfaz.

— Para que foi, então? Se tem melhor, diga.

— Se eu lhe disse que se trata de questão que nunca pude compreender bem... O que sei é que sua resposta invalidou sua intuição, suas reminiscências de outras vidas, a intervenção de seus iluminados guias espirituais. Se a intuição é, de resto, o auxílio que espíritos bons trazem em certas circunstâncias, não creio possa recebê-la perfeita, aquele que não se esforça, pelo estudo e pelo trabalho, para tanto. A menos que os espíritos de luz abonassem a madraçaria, a indolência...

A intervenção, aqui, de outras pessoas...

E vai por aí, o Espiritismo «sendo responsável» por tanta coisa assim, que as «tendas», onde não se estuda nem o Evangelho nem o Kardec; onde se consulta espíritos para tudo e se fazem batisados e casamentos, vão espalhando criminosa e estultamente, fanaticamente...

Do volume IMPRESSÕES E FATOS, colhidos na excursão de 1939.

Jesus foi um precursor. Se êle tivesse vindo a êste mundo depois de Copérnico e Galileu, talvez nos tivesse aberto verdadeiramente o céu. A medida que o saber aumentar no nosso planeta, a religião se esclarecerá e desenvolverá. Grandes espíritos surgirão no futuro para o progresso da humanidade. Só há uma verdade: a verdade astronômica, a realidade universal dos mundos e dos seres. A religião do futuro será a religião da Ciência, reunindo em seu seio todos os seres pensantes. — CAMILLE FLAMMARION.

APENAS...

A. V. Magaldi

O «Diário da Noite», órgão carioca dos Diários Associados, com o título «Outra vida depois da morte?» publicou o seguinte telegrama:

«Londres, 14 (De Henry Tosti Russel, correspondente da United Press, especial para «Diários Associados») — O sr. Adrian Conan Doyle, espirita, filho do criador de Sherlock Holmes, declarou que as investigações científicas do momento tendem a provar de forma irrecusável a existência de uma vida mais além.

Em entrevista a United Press, disse o sr. Doyle:

«Estou convencido de que não está longe o momento em que a ciência, depois de ter tão frequentemente ridicularizado o espiritismo no passado, nos demonstrará indubitavelmente que existe outra vida após a morte. Quando chegar esse dia, a afirmação será aceita como um facto científico.

Tenho a certeza de que a ciência, valendo-se dos gigantescos progressos conseguidos com a electricidade, tais como a televisão, e por meio de inúmeros processos ainda secretos, poderá demonstrar dentro de pouco tempo não só a existência de outra vida após a morte, como também a presença dos espíritos neste mundo com formas idênticas ao corpo humano».

Creio que as afirmações do ilustre filho do célebre criador de Sherlock Holmes nada contém de novidade. Depois das experiências positivas, fria e rigorosamente processadas debaixo de todos os contrôles científicos pelos sábios mais ilustrados do mundo, tais como Crookes, Gully, Elliotson, Lodge, Challis Morgan, Wallace, Varley, Gibier, Lombroso, Zoëlner, Carl du Prel, Charles Richet, Aksakof, De Rochas, Flammarion e Kardec, distintos físicos, químicos, matemáticos, astrônomos, fisiologistas, criminalistas, como sabemos que foram, ninguém tem mais razão de negar a existência de outra vida depois da

morte física. Esses sábios atestaram a realidade dessa outra vida, porque verificaram «cientificamente» que a alma sôbre-existe mesmo e continua a ter mais vivacidade até, após se despojar do seu envólucro carnal. A existência da alma antes de suas experiências, constituía um dógma de fé, apresentado por todas as religiões. Graças aos seus esforços, é hoje um facto cientificamente provado. E nenhum legado maior e mais brilhante deixou o século passado à Humanidade do atual, do que a prova científica da existência da alma e da sua comunicação conosco. Os sábios afirmaram que a alma existe, não por deduções filosóficas ou fé dogmática, mas, porque a viram, conversaram com ela, fizeram reacções químicas do ar que ela expeliu pela respiração, tiraram o seu retrato, auscultaram os seus pulmões e lhe tomaram o pulso e a temperatura, cortaram os seus cabelos e os retiveram, modelaram as suas mãos recurvas e o seu rosto em parafina derretida, provaram, enfim, que ela se apresenta, em circunstâncias especiais, revestida de carne e osso, com todos os predicados de um ser humano como nós outros.

Nos dias correntes, a descrença na sobrevivência da alma, após a morte do corpo, é, apenas, um atestado de ignorância por preguiça. Toda e qualquer pessoa pode chegar a ter a certeza de que a vida do homem não se extingue a borda do túmulo. Antes, o túmulo é o marco de uma nova modalidade de vida humana, de mais intensa vivacidade, durante a qual a alma possui faculdades muito maiores. Basta querer alcançar esta certeza. Os livros dos citados sábios e de muitos outros, contendo o relato das experiências que os conduziram a essa certeza, estão aí nas livrarias expostos à venda. Quem quiser se esclarecer a esse respeito, nada mais tem a fazer do que lê-los.

Vamos transcrever a opinião de

alguns dêsses sábios sôbre êsse assunto.

Disse o dr. Ochorowicz: «Quando me lembro que, em uma certa época, eu admirava a coragem de Crookes em sustentar a realidade dos fenômenos mediúnicos; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos meus colegas ao mais leve enunciado dessas coisas, tremo de vergonha por mim e pelos outros».

Declarou o dr. Richard Hodgson: «Ha doze anos que estudo a mediunidade da sra. Piper. No começo eu só queria descobrir nela fraude e embuste. Entrei em sua casa profundamente materialista, com o intuito de desmascará-la. Hoje digo simplesmente: Eu creio... A demonstração me foi feita de modo a afastar a possibilidade da menor dúvida».

Escreveu o dr. Ermacora, que se tornou crente: «Poucos sábios têm sido tão incrédulos quanto eu a respeito dos fenômenos espíritas; aqueles que duvidarem disso poderão reportar-se aos meus dois livros «Pazzi e Anomalia» e «Studi sull'ipnotismo», nos quais eu quasi injuriei os espíritas».

Afirmou o professor Meyers, da Sociedade Real de Londres: «Pelos minhas experiências, convenci-me de que os pretendidos mortos se podem comunicar conosco e penso que para o futuro êles poderão fazê-lo de um modo mais completo».

O eminente professor dr. Giuseppe Masucci, depois de ter assistido as sessões da médium Eusápia Paladino, confessou: «Fui obrigado a demolir todo o edifício das minhas convicções filosóficas, às quais eu tinha consagrado parte da minha vida».

O célebre engenheiro membro da Sociedade Real de Londres, dr. Cromwel Varley, afiançou: «No antigo e no novo mundo, não conheço exemplo de um homem que, tendo estudado com cuidado os fenômenos espíritas, não se tenha rendido à evidência».

Estas transcrições constam do livro «Psychisme Experimental», de Alfred Erny, do século passado. O sr. Adrian Conan Doyle acordou tarde, como se vê.

(Do Correio de Minas) — Juiz de Fóra.

Mensagens Supranormais

NA MESA DAS AUTÓPSIAS

27 de Outubro de 1942.

— Há quanto tempo deixei a Terra?
— perguntei hoje ao irmão que me tem assistido com todo o seu afêto e benevolência.

— Vinte anos — respondeu êle.

O tempo tem corrido para mim com imensa celeridade, o que não é de admirar, atenta a contemplação que tenho dedicado a todas as maravilhas que me cercam!... A minha pobre mãe, uma velhinha que me chora há muitos anos e que bastante tem sofrido, ainda peregrina nêsse vale de lágrimas amaríssimas, rogando pelo marido e pela sua única filha... E' necessário que ela expie o seu pecado; e, felizmente, tem tido corajosa constância. Tu, meu amigo, deves lembrar-te

de mim e vou dizer-te que fui aí, há mais de quarenta anos, uma atriz de algum merecimento...

*

Falecido que foi o meu bom pai, pensei em obter colocação a-fim-de ajudar a mãesinha que apenas dispunha de um pequeno rendimento que deverá terminar com a sua morte. Assim, e atenta a grande habilidade que eu tinha para a costura, entrei para a oficina de uma modista, a quem devo a mais profunda gratidão, que eu aqui já lhe manifestei. Certo dia fui convidada para entrar na récita que se efetuará para minorar a situação dolorosa de uma família. O que desempenhei não me recordo; sómente sei que, acabado o espetáculo, que se efetou no *Clube* ou *Academia Teodorico*, na Calçada de Santo André, em Lisboa, minha terra,

certo indivíduo de aparência respeitável, me felicitou calorosamente, tomando o meu nome e a morada. Daí a dias, com grande oposição de minha mãe, entrei no teatro de comédia onde me destaquei, sem vaidade o digo. Fui assaltada por gente sem escrúpulos de espécie alguma... Todavia a minha virtude triunfou, e isso deu origem cobarde a não me darem depois papéis de valor. Não me rendi. Durou essa vida três anos tormentosos, até que certo dia senti um vágado e, quando acordei, vi-me estendida sôbre uma mesa de pedra, em certa casa com bastantes janelas onde jaziam outros mortos...

Eu estava no uso pleno do que os nossos irmãos da Terra costumam dizer: de toda a razão.

— Deixei o mundo! Oh! minha pobre mãesinha, como tu vais sofrer, querida da minha alma!...

Quis fugir daquela casa sinistra; não queria ver-me retalhada pela autópsia que certamente se faria... Eu mesma velei o meu cadáver... De onde em onde ouvia palavras de resignação e de amizade... Quem as proferia? Sei hoje que foi o meu espírito-guia que jamais me desamparou... Eu via naquela casa, isolada numa espécie de jardim maltratado outras almas ansiosas e cheias do mais profundo desalento... Amanheceu, e eu sempre, sempre ao pé do meu corpo já a essa hora inteiriçado!... Atentei nêle... O semblante sorria... Dir-se-ia que eu vira com alegria o negro aspecto da morte que eu, aliás, não presentira!

Veio, pela tarde, um indivíduo de certa idade que me examinou e começou a retalhar, ao mesmo tempo que parecia dar uma lição.

— Aneurisma na aorta! — concluiu êle; mal empregada morte! Era uma mulher bem constituída!...

Vi e ouvi frases de estudantes que chocaram deveras a minha alma!... Pesquiseram no meu corpo, não com vontade de estudar, mas sim com a curiosidade de saber o que muito bem poderiam ter deixado de investigar... E se o tivessem feito com respeito!... Que comentários torpes os dêsses rapazes que amanhã seriam médicos!... Gostarim êles que um dia as mães, as esposas, as irmãs e as noivas, fossem alvo de perquisições feitas entre galhofas e comentários?

A morte deve infundir respeito e não ser origem de atitudes descaridasas e

infames!... As autópsias são necessárias com fim social e também para estudo. Tudo, porém, se deve fazer com o acatamento devido à memória daqueles que o Destino arremessa para a mesa de pedra onde deveriam ser examinados.

Minha mãe conseguiu que o meu cadáver lhe fôsse entregue e fui sepultada por entre as lágrimas da querida mãe e de piedosas pessoas amigas...

*

— Ouve—disse-me o meu espírito-guia. Tinhas de passar por essa outra expiação... O que sofreste na casa sinistra da Morte, já o tinhas feito, em tempos idos, quando estudante, nos cadáveres de bastantes mulheres jovens e recatadas, chufando ignóbilmente, pretendendo averiguar intimidades que nada tinham, nessa ocasião, com as necessidades do estudo... Retalhavas sem escrúpulo, chamando condiscípulos teus que, bastantes vezes, te chamaram à ordem, censurando essas atitudes chocantes. Que as gentes da Justiça o ordenassem, ou o lente determinasse, em matéria escolástica, estaria bem. Um médico tem necessidades de minudências para o exercício honroso da sua nobre profissão humanitária. Por isso jazes-te uma noite e um dia, junto do teu despojo mortal, expiando e sofrendo, no uso de toda a lucidez possível... Reflecte... Que êsse quadro te sirva, a-fim-de não repetires, na tua próxima reencarnação como médico, êsse procedimento desrespeitoso e digno da maior censura.

*

Assim está, pois, doutrinando, o espírito que animou aquela que conhecestes muito joven, linda, elegante e cheia de esperanças, como atriz do Teatro do GINÁSIO, há muitos anos!...

Maria.

POR MAL FAZER...

Havia já seis mêses que eu, com o maior interêsse, estudava a doutrina espírita, durante os intervalos da direção da minha pequena fábrica, sempre alvo de troças, caricaturas e versos com que me brindavam os conterrâneos. A razão segredava-me que tudo quanto eu lia, apontava e meditava, era a verdade. Não me entusiasmei nem perdi a cabeça... Lia, discutia com duas pessoas, que conheciam

bem o assunto e fazia o meu juízo. Se homens eminentes haviam abraçado a idéia e eram os pioneiros da nova doutrina, porque não havia eu também de me interessar na matéria?

E no dia dois de Janeiro do ano corrente, quando pelo meio dia se largou o trabalho para todos irem almoçar, senti uma sonolência invencível... Com certa pressa fui para casa onde minha mulher me esperava para a refeição.

— Vou encostar-me um pouco! Estou com sono e quasi dormindo em pé!...

— Tu nunca foste dorminhoco!... Enfim, vai descansar visto que assim é preciso!...

Estirei-me num sofá apenas coberto com uma manta e adormeci imediatamente. E eis que começo a sonhar (pelo menos pensei nisso ao acordar!...) e o que vejo? Meu tio Afonso deitado numa cama, muito pálido, e quatro ou cinco pessoas, uma das quais era o notário. Ditava êle o seu testamento... Ouvi perfeita e nítidamente a enumeração dos legados de quintas, fazendas, papéis de crédito e jóias legados aos meus cinco primos. Em certa altura, diz êle:

— Falta-me ainda...

— O seu sobrinho Luciano, com certeza! — disse uma das testemunhas.

— Não! A êsse não deixo coisa alguma porquanto estou de relações cortadas com o pai dêle!...

— Isso não é razão! Todavia o senhor fará o que entender, porque deve testar livre de toda e qualquer coação! — acudiu o notário.

— Bem! Vou fazer uma partida ao Luciano! Nomeio-o meu testamenteiro e deixo-lhe a casa velha que tenho na *Praça*!...

Eu vi no semblante do notário e das testemunhas quanta indignação tinha causado a deliberação. Todavia calaram-se... A votade é livre e o official público lavrou o testamento conforme meu tio desejava.

Nisto acordei...

— O sono foi de pouca duração! — observou minha mulher, rindo. Vinte e cinco minutos!...

— O suficiente para assistir à feitura do testamento de meu tio Afonso, que está moribundo! — disse muito seriamente! E, passado um instante, continuei: Vamos almoçar!...

— Olhem que sonho! — exclamou minha mulher, rindo, para a mãe!...

Era uma hora e meia e preparava-me para ir para a fábrica, quando a moçinha dos recados da casa de meu tio Afonso, veio, muito aflita, dizer:

— Acaba de morrer o meu patrão! Venha, senhor Luciano! Venha já e, também, a sua senhora!...

Minha mulher e eu olhámo-nos surpreendidos...

Fomos imediatamente a casa do falecido que fica distante uns trezentos metros, encontrando os meus primos consternados e o notário que tinha na mão o traslado do testamento. Depois das saudações, disse-lhes:

— Já sei... Sou testamenteiro e legatário da casa velha da Praça, enquanto que vocês apanharam o resto!...

O notário ficou boquiaberto... Os meus primos ainda não sabiam de coisa alguma!... Contei o meu sonho, não esquecendo as palavras de meu tio e continuei:

— Não me revolto contra a partida do tio!... Graças a Deus vivo contente com o pouco que possuo!...

— O senhor Luciano já falou com alguma das tesemunhas do acto que acabo de lavrar? — inquiriu o notário.

— Não, senhor Doutor!

— E com respeito ao casarão velho — contincei eu... E ia a dizer: *rejeito o legado!* Quando, porém, ia a proferir o resto da frase senti como que uma mão tapar-me a bôca.

*

Cumpri a testamentaria e rejeitei o que meus primos me queriam fazer e que eu agradei: — repartir comigo da herança, porque se não conformaram com a incorrecção do nosso tio.

No dia dez do dito mês, estando eu a conferir contas da semana, senti uma crisão na mão direita que foi tomar um lápis sem que a minha vontade nisso interferisse. E eis o que eu escrevi:

— Luciano, não vendas o casarão!...

Ora eu tinha combinado com minha mulher vender a casa velha; todavia nessa mesma manhã ela disse-me:

— Não vendamos a casa; mais ano, menos anos, teremos de mandar edificar uma, caso os nossos negócios continuem a ir bem, como vão. Sempre são setecentos metros quadrados e no melhor sítio

da terra!... Não sabemos o que o futuro nos dará!

Foi uma profecia...

Passaram duas a três semanas... E numa noite, quando lia com muito entusiasmo o livro de Léon Dénis, intitulado *Après la Mort*, eu sinto nova crispação na mão direita que foi buscar o lápis:

— Na soleira da porta que dá para o lado do sul, no casarão...

— O que quer isto dizer—perguntei.

Repetiu a mesma frase com movimentos impacientes e um pouco sacudidos... Compreendi, então, que se tratava duma revelação em meu benefício. Agi de conformidade... Daí a dias nova comunicação em poucas palavras:

— O teu tio Afonso, querendo ser mausinho, foi muito bom!... Inspirei-lhe êsse legado do casarão... Foi bom sem querer, é certo!... Ficou na família o que da família devia ser... José Afonso.

Era o meu avô paterno...

O casarão já vai no segundo andar. Quanto ao aviso de minha mulher não duvido que foi influência do Além. Com o que achei posso fazer mais três ou quatro prédios, ficando-me ainda uns milhares de escudos...

Luciano T. S.

(Colhidas no grupo particular de Julio Sousa e Costa — Barquinha)

De «Além» — Pôrto — Portugal

Crônica Estrangeira

Espírito que visita um irmão

The Two Worlds

Acaba de voltar à pátria o Capitão R. V. Sherbrooke, que recentemente foi condecorado com a «Cruz da Vitória», por sua brilhante atuação nos recentes episódios no Ártico. Êle sofreu sério ferimento e está correndo o risco de perder uma vista. Descende de uma família com longas tradições militares. Um antepassado seu, Gen. Sir John Sherbrooke, 1765-1830, figura num notável incidente psíquico.

Em 1785, era êle capitão no Regimento 33, estacionado em Sydney, Cap. Breton, Islandia. Certa noite estavam, êle e outro oficial, Tenente George Wynyard, à lareira absorvidos por amistosa conversação, em seus próprios alojamentos, quando surpresos viram entrar no aposento, um jôvem que entrou no dormitório anexo. Wynyard, a quem a surpresa embargara a voz, agarrou o braço do companheiro e grandemente emocionado, sussurrou: «Meu irmão!» Então, Sherbrooke, pôs-se de pé e foi no encalço do desconhecido, todavia dele não encontrou o menor vestígio, não obstante ter esquadrinhado todos os recantos.

Wynyard, convencido de ter visto o espírito do irmão, estava grandemente agitado, e não obstante seu amigo afirmar ser êle o juguete de uma alucinação,

todos participaram de sua preocupação e ansiosos esperaram o próximo correio.

Quando êste chegou, não trouxe cartapara Wynyard, mas Sherbrooke recebeu uma com esta mensagem: «Transmite ao teu amigo Wynyard, a notícia do falecimento do seu irmão favorito».

Mais tarde verificou-se que o tenente J. O. Wynyard, da Guarda Escocesa, falecera no mesmo momento em que apparecera aos dois oficiais. O facto foi muitas vezes repetido pelo Gen. Sherbooke, cuja veracidade não podia ser posta em dúvida. Êle não era supersticioso, mas depois disso, sempre acreditou na realidade dos espíritos.

*

Factos estranhos ocorridos a Mr. Henry Frichet

«La Idea» transcreveu do grande diário portenho «La Nacion» (10-9-40) os factos que a seguir reproduzimos:

Henrique Frichet, opulento proprietário em Lisieux, submeteu à consideração da Sociedade Espiritista Francesa, o relato corroborado por seis testemunhas insuspeitas, de uma série de estranhos factos, em cujo desenrolar foi principal ator.

Há três anos, teve Frichet a desgraça de perder sua esposa, bela moça de 24 anos. Certo tempo depois, precisamente um ano atrás, foi lhe apresentada a jo-

ven Georgette Passerieux, filha de um tabelião, com quem assumiu compromisso de casar. Decorreram várias semanas, e, certa noite, depois de passar algumas horas em casa da noiva, Frichet voltou ao seu domicílio. Não sentia sono, e dirigiu-se ao seu escritório para terminar um trabalho:

Havia já um quarto de hora que estava entregue ao trabalho, quando ouviu um ruído semelhante ao estalar de um móvel. Segundos depois, espalhou-se pela habitação um suave aroma de verbena, o perfume predileto da esposa desaparecida, e Frichet sentiu mão gelada pousar-lhe sobre a fronte. Voltou-se e viu a esposa a sua frente.

— Porque deixaste de amar-me? — disse-lhe — Porque queres olvidar-me?

Trêmulo de surpresa e emoção, Frichet se levantou para responder ao espectro, mas êste desapareceu antes que dêle se aproximasse.

Diz o protagonista dêste estranho relato que nunca antes o haviam preocupado as teorias espíritas, e, temendo que sua visão fôsse o fruto de alguma debilidade cerebral, não vacilou em consultar um médico. Êste fez uma prescrição para os nervos que Frichet seguiu à risca. Mas, ao que parecia, a curiosa aparição não procedia de uma imaginação perturbada, porque em uma noite, ao entrar em seu escritório, Frichet teve a surpresa não só de novamente ver o fantasma, de pé no centro do aposento, como também de perceber que seu cão «Floc» também o via, porque, louco de júbilo, dava saltos em torno da imagem de ultratumba.

Enquanto acariciava a cabeça do cachorro, o espectro fixou seu amado Henrique, com infinita tristeza.

— Desaparecerei para sempre — disse-lhe, chorando — não tornarás a ver-me. Mas antes de desaparecer definitivamente, quero restituir-te êste símbolo de fidelidade, já destituído de todo o valor.

E antes de esvaecer-se, a visão tirou do dedo o anel nupcial e violentamente o atirou ao chão. «Floc» precipitou-se sobre o anel, tomou-o entre seus dentes e foi entregá-lo à dona; mas estacou, porque sua ama já não estava ali.

Quando Frichet voltou do espanto, chamou «Floc», e viu que o animal tinha o anel preso entre os dentes. Com muito trabalho conseguiu arrancá-lo e ante esta

prova material deixada pelo fantasma, reconheceu o anel de noivado que havia dado à esposa. O cão deixara nêle gravadas as marcas de seus incisivos.

Para maior certeza, Frichet mostrou o anel ao joalheiro Cagnard, e êste lhe assegurou que era o mesmo que havia vendido anos atrás.

Arriscando-se a passar por louco, Frichet relatou-lhe o sucedido. No mesmo dia obteve audiência do juiz, e a êste, em presença do oficial sanitário e do comandante da polícia, tornou a relatar a estranha história aos três, mostrando o anel com as marcas dos dentes de «Floc», e pediu autorização para abrir o ataúde em que jaziam os restos da esposa. Queria verificar se o anel nupcial, que levára à sepultura, continuava no dedo. Em consideração ao caso excepcional, as autoridades deram permissão, mas como forçoso fôsse registrar o pedido em Caen, passaram-se vários dias. Entretanto Frichet foi visitar o notário Passerieux, repetiu-lhe o relato detalhado, mostrou-lhe o anel e desfez o contrato nupcial com sua filha.

Nêsse mesmo dia, à noite, o espectro se apresentou, em sonhos, a Frichet, beijou-lhe a fronte, e disse:

— Agradeço-te, Henrique. Agora sei que sempre me amarás. Espero-te para a eternidade.

Dormindo, teve o viúvo a exata impressão de que o fantasma abrira o estôjo em que havia guardado o anel e que, retirando-o, tornou a colocá-lo no dedo.

Quando no dia seguinte examinou o estôjo, verificou que a aliança desaparecera, e apressou-se a comunicar o facto às autoridades. Três dias depois, procederam à abertura do ataúde, em presença das seguintes pessoas: juiz, oficial sanitário, chefe de polícia, Dr. Silvain, joalheiro Canard e notário Passerieux. Todos estremeceram ao constatar que o anel se encontrava no dedo do esqueleto, mas experimentaram redobrado espanto quando o Dr. Silvain, depois de examinar a aliança, declarou que nela estavam nítidas, precisas, as marcas deixadas pelos dentes do cão, que, todos tiveram ocasião de ver vários dias antes».

O relato de Frichet, corroborado por testemunhas de tanta seriedade, causou profunda impressão.



Uma profecia que se realizou

Mundo Oculto publicou ha anos, uma curiosa ocorrência.

«Cerca de sessenta anos atrás, uma «zingara» estaca bruscamente numa rua de Varsóvia e, avistando uma menininha muito loura, pegou-lhe a mão para lhe dizer que, ao atingir à idade madura, ela seria célebre no mundo inteiro e mais do que uma rainha, mais que uma imperatriz. A menina e as pessoas que a acompanhavam riram muito do presságio, e depois, a que lhe fôra o objeto, lembra-o, agradavelmente, assim o parecê, quando o incidente se apresenta à sua memória. Efectivamente, depois de quarenta anos, as indicações da adivinhadora se confirmaram plenamente. A menininha de outrora tornou-se uma soberana do mundo intelectual, uma sorte de «rainha», no vasto domínio da ciência físico-química. Ela, em companhia de seu esposo, expôs à luz uma teoria e tais factos que deveriam revolucionar a ciência moderna. A douta mulher era aclamada pelo mundo inteiro por suas magníficas descobertas. Era a esposa de Pedro Curie, a reveladora do radium...»

*

O Funcionário da B. B. C. que viu um fantasma

O *Sunday Dispatch*, é um diário londrino que não afaga a esperança de braçar o Espiritismo, mas frequentemente veicula factos espíritas. Como explicar essa aberração? O cronista só encontra uma explicação racional e é que êsse periódico de vasta tiragem, sente-se premido pela opinião pública, que, relegando dogmas teológicos e pseudo-científicos, exerce acentuada influênci na imprensa inglesa em geral. Vejamos o que escreveu mencionado órgão, subordinado ao título supra:

Durante os terríveis meses de bombardeamento, Mr. John Irwin da B. B. C. (Rádio Emissora Britânica), viu o fantasma de um bispo — ou teve um sonho extraordinariamente vívido.

Durante a noite toda estivera êle de serviço, e às 6 da manhã, dirigia-se ao abrigo subterrâneo da mencionada Emissora, para dormir.

Encontrou um amigo que lhe sugeriu que, em lugar de dormir na B. B. C.,

ambos deveriam tomar café, depois do que dormiriam no abrigo de certa firma comercial, na cripta de uma igreja próxima.

Exatamente no momento em que Mr. Irwin se dispunha a deitar, entrou um clérigo no abrigo. Êle saudou Mr. Irwin, falou um pouco sôbre a noite, e então começou a discorrer sôbre profundo têma teológico.

Terminada a peroração, Mr. Irwin disse: «O senhor é o primeiro homem que não demonstra sofrer os efeitos dos bombardeios. O senhor não têm olheiras negras, apresenta boa disposição e não mencionou as bombas.

O eclesiástico riu e disse: Não, e também o senhor não deve se atormentar com as bombas». Em seguida, esvaeceu-se.

Mr. Irwin ouviu sua própria voz a perguntar ao amigo: «Quem foi o Bispo Goring?»

O amigo despertou sobressaltado e respondeu: «Êle morreu neste mesmo lugar dezessete mêses atrás. Porque pergunta?»

Mr. Irwin não se recordava de jamais ter ouvido falar do Bispo Goring, e tudo ignorava a seu respeito.

Esta história foi relatada por Mr. Charles Grave em «Vida Londrina» um diário que registra os sucessos ininterruptos desde agosto de 1941, até 7 de Julho dêste ano (1943).

The Two Worlds.

*

Assistindo ao seu próprio funeral

A sra. Monserratt Fuentes, que residia no quarteirão Palos Blancos, na cidade de Corozal (Porto Rico) era conduzida, uma certa manhã, ao cemitério da região, por uma multidão de amigos e conhecidos que deploravam a morte de tão digna pessoa, quando um vizinho da defunta, sr. José Torres, postado à borda do caminho, teve a idéia de tomar uma fotografia do cortejo. Ao revelar sua chapa, pela tarde, êle descobriu, profundamente surpreendido, sôbre o caixão, uma alta silhueta, branca, vaporosa, dando a aparência de uma mulher. Quando impressa, puderam verificar que a efigie era a da própria senhora Fuentes, que acompanhava, em perispírito, seu funeral.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório Espírita «Bezerra de Menezes»

Graças aos esforços herculeos de uma pleiade de espíritas plenamente identifi-

bres, como também testemunhar o valor do Espiritismo na solução dos magnos problemas humanos.

O prédio ora em construção está localizado sôbre uma colina da linda cidade de Pinhal, em ótimo terreno com

9.000 mtrs.2, tendo de altitude 860 metros. Sua construção habitável é de 1.514 metros, e obedece a todas as exigências do código Sanitário. Sua planta foi aprovada pela Engenharia Sanitária do Estado de S. Paulo.

Dividido em duas secções, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, êsse estabelecimento compreenderá ainda: salas para refeições, cópa, quartos, enfermarias, cubículos, chuveiros, duchas, gabinetes sanitários, farmácia, sala para médicos, secretaria, um salão para conferências, arquivos, etc.

Não haverá distinção de classe ou de religião, não será somente local, pois acolherá enfêrmos além desta região e dêste Estado,

de outras regiões e de outros Estados.

Sua finalidade primordial é a de prestar assistência aos desprotegidos da sorte, amenizar seus sofrimentos físicos, morais e psíquicos.

A construção do Sanatório já orça

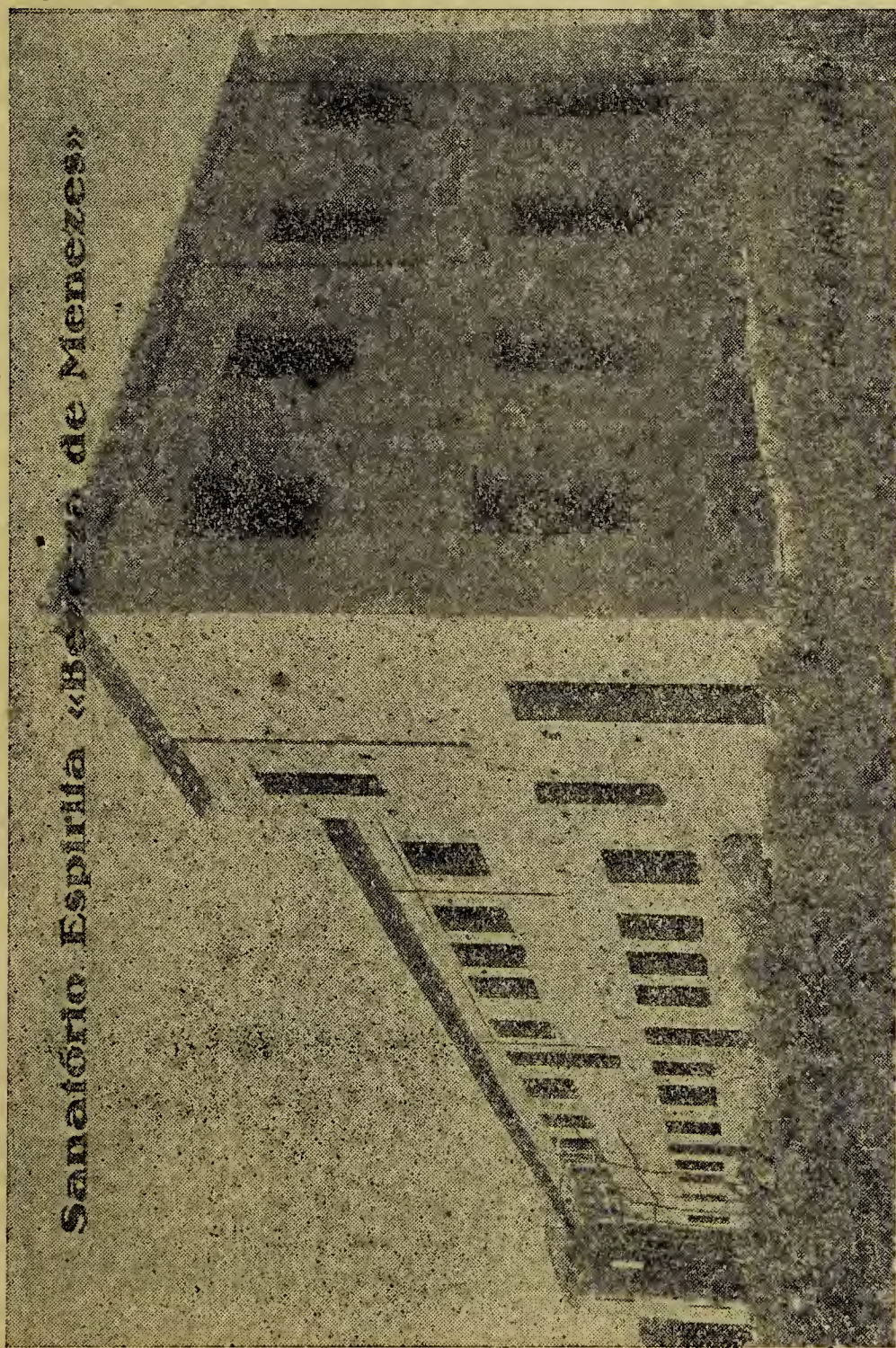


FOTO DOS FUNDOS DO PRÉDIO

cados com os preceitos evangélicos, está em construção, em Pinhal, o Sanatório Espírita «Bezerra de Menezes», que é, na verdade, uma das grandes obras de iniciativa espírita, que não só vem prestar todo o confôrto possível aos enfêrmos po-

em Cr. \$ 200.000,00, mas para sua conclusão são necessárias várias dezenas de milhares de cruzeiros.

Transcrevemos abaixo o prefácio do Livro de Ouro :

«O projetado Sanatório «Bezerra de Menezes», a ser construído nesta cidade de Pinhal, vai prender-se a muitas vidas trazendo — como bençãos sublimes — o conforto de muitas existências e a esperança de muitos desalentos.

Todavia, essa relíquia não vai pertencer tão somente, áqueles que nasceram com os olhos voltados para as trévas, mas também e, especialmente, ao «museu» das belas realizações da nossa gente.

Ela se tornará, evidentemente, uma luz benéfica como um sol fertilizante — levando brilho de primavera ás nevoas outonais dos dias de máguas, e as aflitivas noites dos nossos infelizes.

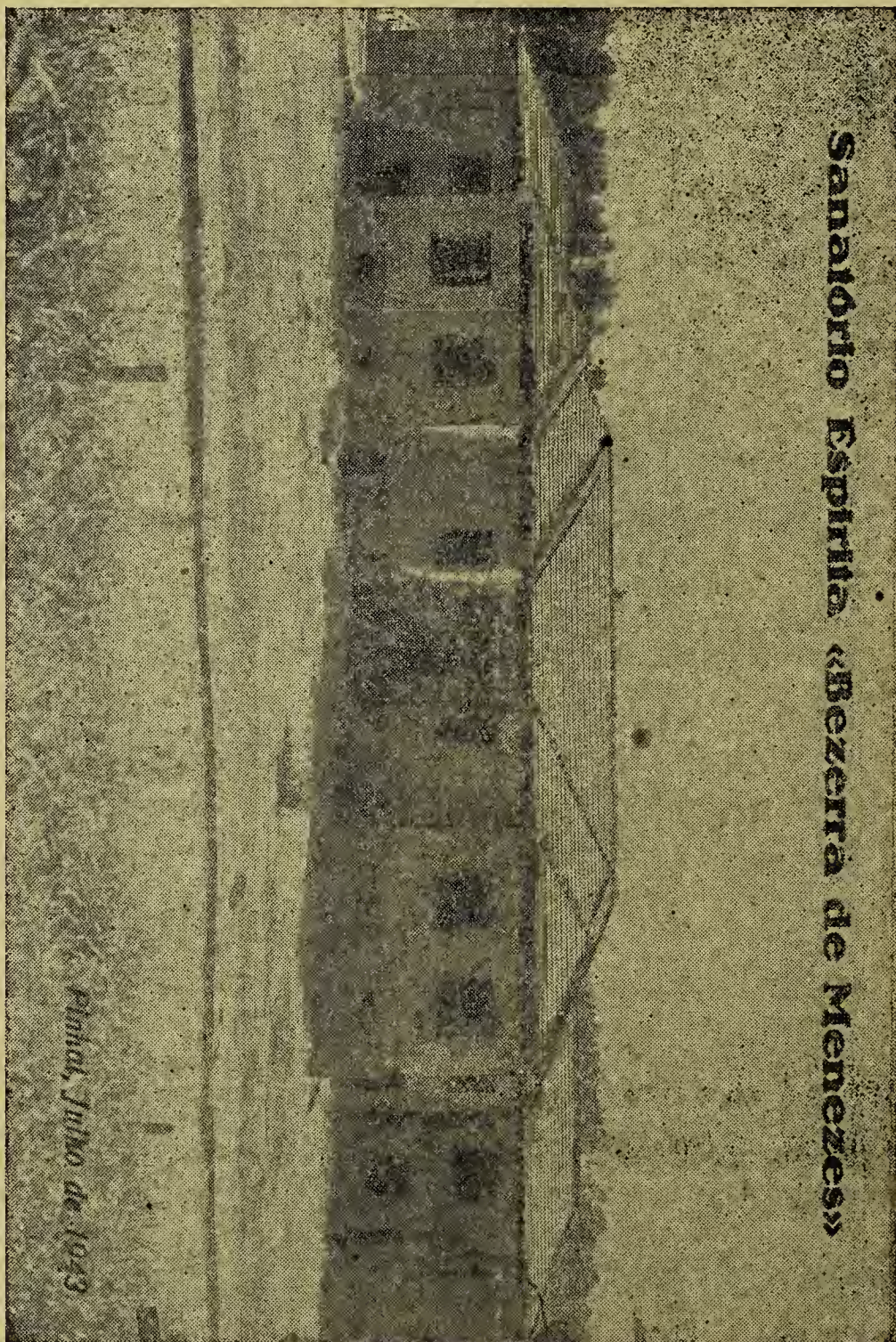
O leito e o remédio, levados nas mãos concavas dos médicos, serão os portadores do calor fervente de almas estiladas ás friagens hibernais de irmãos muito

enfêrmos. A' guisa de tradição, iniciativas dessa natureza se confundem com os feitos que, sempre prestigiaram o nome de Pinhal! Visando minorar o sofrimento de um sem número de infelizes, cujas vidas — paulatinamente — são ceifadas pela tãrra hereditária, o nosso futuro hospital, cumprindo humanamente o seu destino,

combaterá com amor e dedicação as moléstias mentais, que sóem desharmonizar o ritmo e a estrutura fundamentais da vida social.

Essa instituição, que se erguerá em favor da legião de almas doentias, ficará perpetuada em nossa terra, em traços de bondade—como inestimavel legado da ge-

VISTA DA FRENTE DO PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO



Sanatório Espírita «Bezerra de Menezes»

Pinhal, Julho de 1913

ração presente às gerações futuras! Cada tijolo ofertado será uma contribuição generosa e cada leito a salvação de muitas vidas.

Você também, generoso amigo, vai deixar,— numa das paginas dêste livro — «O Tijolo» da sua misericórdia, para que o nosso Sanatório se levante, o mais de-

pressa, e possa, por isso, o mais depressa também, iniciar a sua grandiosa e humana, béla e necessária missão de restabelecer um «mundo» de enfermos!!!

A' medida de suas possibilidades, ajude a realizar uma obra assim de grande vulto! Ela ficará arraigada nesta grande terra—a serviço dos necessitados e ao culto daqueles que compreendem e sabem dar o verdadeiro valor que merece.

Bondoso Amigo: o seu nome e a nobreza de seu coração, nos fundamentos do nosso hospital, para sempre hão de ficar!

Ergue-te, pois, Sanatório «Bezerra de Menezes», sobre os comuns e generosos «alicerces» de nossa gente! Recolhe em teus leitos brancos tantas vidas negras, mostrando ao mundo como se deve tornar exuberante e sadío, o patrimonio moral e mental de um povo — que aspira elevar o seu nível ao cristalino sabor deste salutar aviso: «mens sana in corpore sano»...

Trata-se, portanto, de um empreendimento que está a pedir a cooperação de todos os espíritas, os quais poderão enviar seus obulos diretamente á Diretoria do Sanatório ou á Associação Espírita «Vicente de Paulo», por cheque ou vale postal.

D. Constança Carvalho

Transcorreu, dia 14 do mês passado, o 1.º aniversário do desincarne da nossa dedicada companheira, D. Constança Carvalho.

Espírita fervorosa e esclarecida, possuidora daquela fé capaz de transplantar sicómoros, D. Constança Carvalho, que era o sustentáculo de várias famílias pobres, movimentando com sabedoria os «talentos» que lhe foram confiados, deixou em todos aqueles que com ela tiveram a felici-

dade de travar relações de amizade, as mais gratas recordações.

A dedicada companheira, que passou a figurar na lista dos nossos amigos mais íntimos, como já tivemos ocasião de afirmar, auxiliou, com as suas posses materiais, muitas instituições espíritas, cumprindo assim, sem alarde, os preceitos do Senhor, o que sem dúvida constitúe bellissimo exemplo.

Como a morte não interrompe o trabalho que os espíritos desenvolvem neste mundo, D. Constança, com os nossos amigos e companheiros queridos que nos antecederam na grande jornada, continua a nos prestar o seu indispensável e valioso concurso à obra de divulgação evangélica, o que, de coração, agradecemos.

A' D. Constança, pois, num culto de veneração e amor, as nossas sinceras homenagens, solicitando a Jesus que lhe proporcione mais luz, paz e felicidade a que fez jús pela sua dedicação no trabalho espiritual.

A serviço da propaganda

Comunicado do nosso companheiro em viagem, sr. Onofre Batista:

A convite de diversos confrades, realizei algumas palestras em Limeira. Falei no Grupo Espírita «Luz e Caridade» e no Centro Espírita «Amor e Caridade», ambos sob a direção de obreiros incansáveis.

Brevemente, conforme ficou combinado, voltarei a Limeira a-fim-de realizar novas palestras.

A propaganda em Limeira marcha admiravelmente, e isto porque os trabalhadores têm como armas, o amor e a humildade.

BIBLIOGRAFIA

Teatro Espiritualista

Quasi diáriamente temos a noticiar o aparecimento de uma obra ou trabalho espírita. E o fazemos com a maior satisfação, porque é por êsse meio que a Verdade, como um jato de luz, pode desfazer as densas trevas que envolvem os es-

píritos medíocres, os fanáticos ou supersticiosos, mostrando-lhes o verdadeiro caminho que conduz à Perfeição.

A bibliotéca espírita pode se considerar a mais rica, porque não conta só com o trabalho dos encarnados, mas também, e o que é mais importante, com o labor decidido, criterioso e sempre oportuno.

tuno, dos desencarnados, através das diversas mediunidades. Basta lembrar-nos das dádivas celestiais que por intermédio de Francisco Candido Xavier nos têm enviado os prepostos do Senhor para provar a nossa assertiva.

Quanta maravilha, quanta luz, quanta sabedoria e amor nos mostra o Alto através da mediunidade!...

A biblioteca espírita tem obras para todas as inteligências, para todas as idades e para todos os paladares. Isto porque o Espiritismo é, além de ciência, filosofia e religião, a arte mais apurada, arte que se traduz em emoção, sentimento, vibração, luz, instrução.

Vem a propósito, a 2.^a série do «Teatro Espiritualista», lançada a lume pelo seu autor, o nosso dedicado companheiro Prof. Leopoldo Machado. As esquetas, dramatizações, comédias leves, monólogos, poesias dramáticas e alegorias não são as mesmas da 1.^a série do «Teatro Espiritualista», como muitos poderão supôr. Tudo na 2.^a série é inédito, menos o estilo eskorreito, artístico, do autor, sempre o mesmo. Trata-se, realmente, de mais uma das obras primas da literatura espírita.

Com o «Teatro Espiritualista», Leopoldo Machado abriu nova senda na propaganda e ensino da doutrina e do Evangelho. E' um dos ótimos meios para despertar consciências adormecidas no indifferentismo, na crença cega, no materialismo, na superstição, no fanatismo...

Por isso, não é teatro só para espíritas, mas principalmente para profanos, que são os que dêle mais necessitam. Aos espíritas é que compete fazer as representações de modo que as mesmas possam ser assistidas por maior número possível de profanos. E terão feito obra realmente educativa, evangélica.

Lemos, com interêsse cada vez mais crescente, as 190 e poucas páginas de «Teatro Espiritualista». Tudo útil, oportuníssimo, a falar ao cérebro e ao coração, à alma, enfim. Porisso não podemos destacar o que mais nos agradou, porque tudo nos agradou, e muito.

Se fossemos, entretanto, convidados a citar pelo menos um dos trabalhos que mais nos agradaram, citaríamos, com imenso prazer, êste: «A FELICIDADE PÓDE

SER DÊSTE MUNDO...» em contraste com a afirmativa dos incientes, segundo a qual a felicidade não é dêste mundo.

São três atos reais, de cenas que se passam numa família, que são as mesmas que se passam em quasi todas as famílias que desconhecem os seus deveres evangélicos e tudo quanto diz respeito à alma, o que equivale a dizer, a si mesmas.

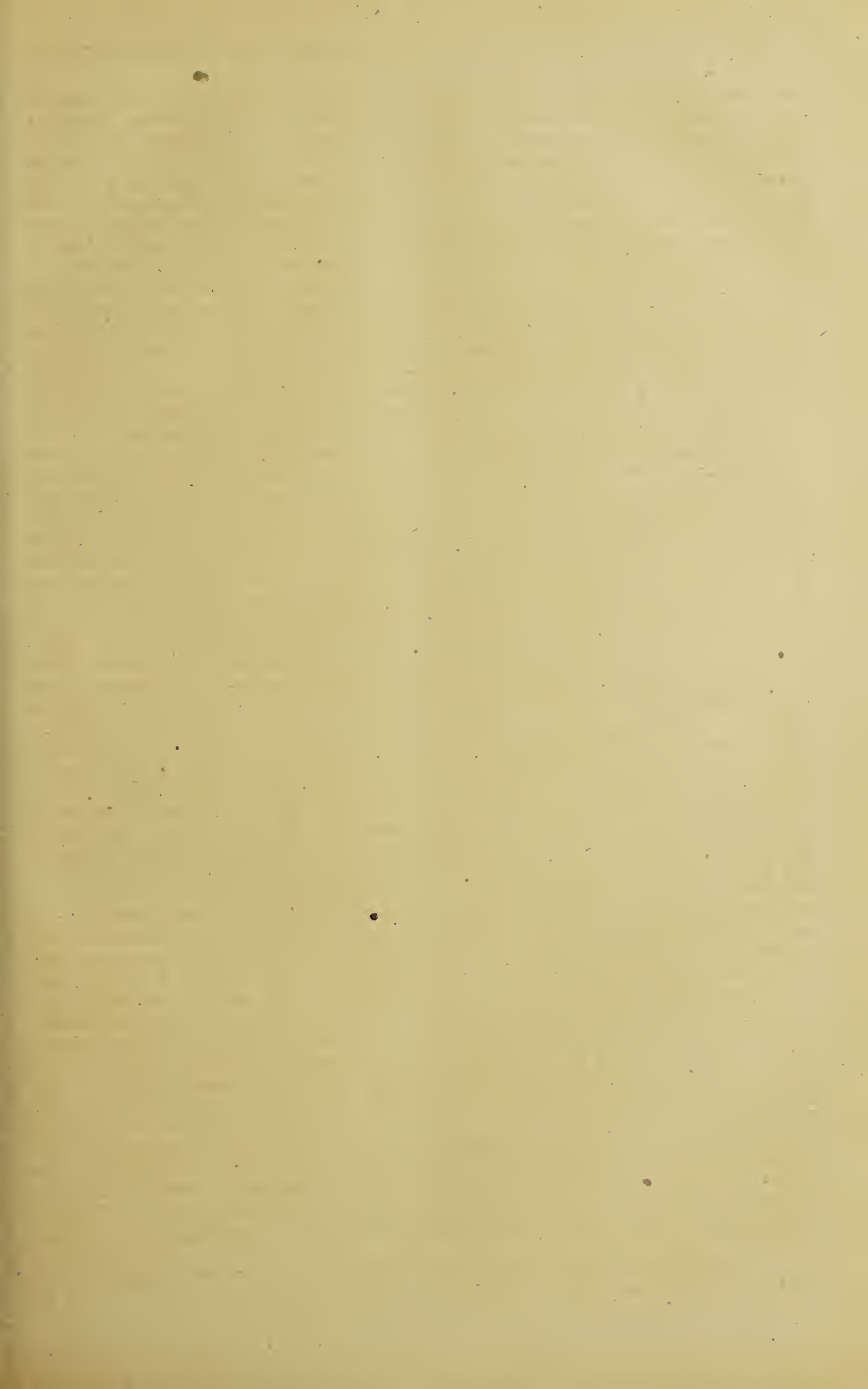
Família composta de quatro membros: esposo, esposa e um casal de gêmeos. Êle, gerente de banco, com ordenado de três mil cruzeiros. Entretanto, viviam como quem vive na penúria. E isto devido ao luxo e descontrolê da esposa, que é filha de lavadeira, mas que depois de casada quis ser *granfina*. Resultado: atritos duros, longos e diários entre ambos, com diálogos menos cortezês. O casal de gêmeos cada vez mais malcriados, por fôrça dos exemplos dos pais. Ela, exasperada, um dia deixa o lar ficando o marido com os filhos, a quem ela votava pouco ou nenhum carinho. Interfere na situação o chauffeur da casa que, a-pesar-de ganhar a oitava parte do ordenado do patrão e ter mulher e oito filhos, julgava-se o sêr mais feliz dêste mundo. Prêga o Espiritismo ao patrão. Êste aceita-o e se transforma. Mêses depois a esposa volta, e ao voltar, é presa de um espírito que, interrogado pelo chauffeur diz que tinha por objetivo levar o casal à completa ruína e que quando estava perto o dia da vitória, êle, chauffeur, tinha estragado tudo. Segue-se diálogo entre ambos, e por fim, o espírito obsessor retira-se, humilde e esclarecido.

A paz volta ao lar e, com ela, o amor, o respeito, a fé e a esperança. O casal de gêmeos educa-se no carinho e nos novos exemplos dos pais, que agora têm por bússola o Evangelho. E é assim que a felicidade pôde ser dêste mundo.

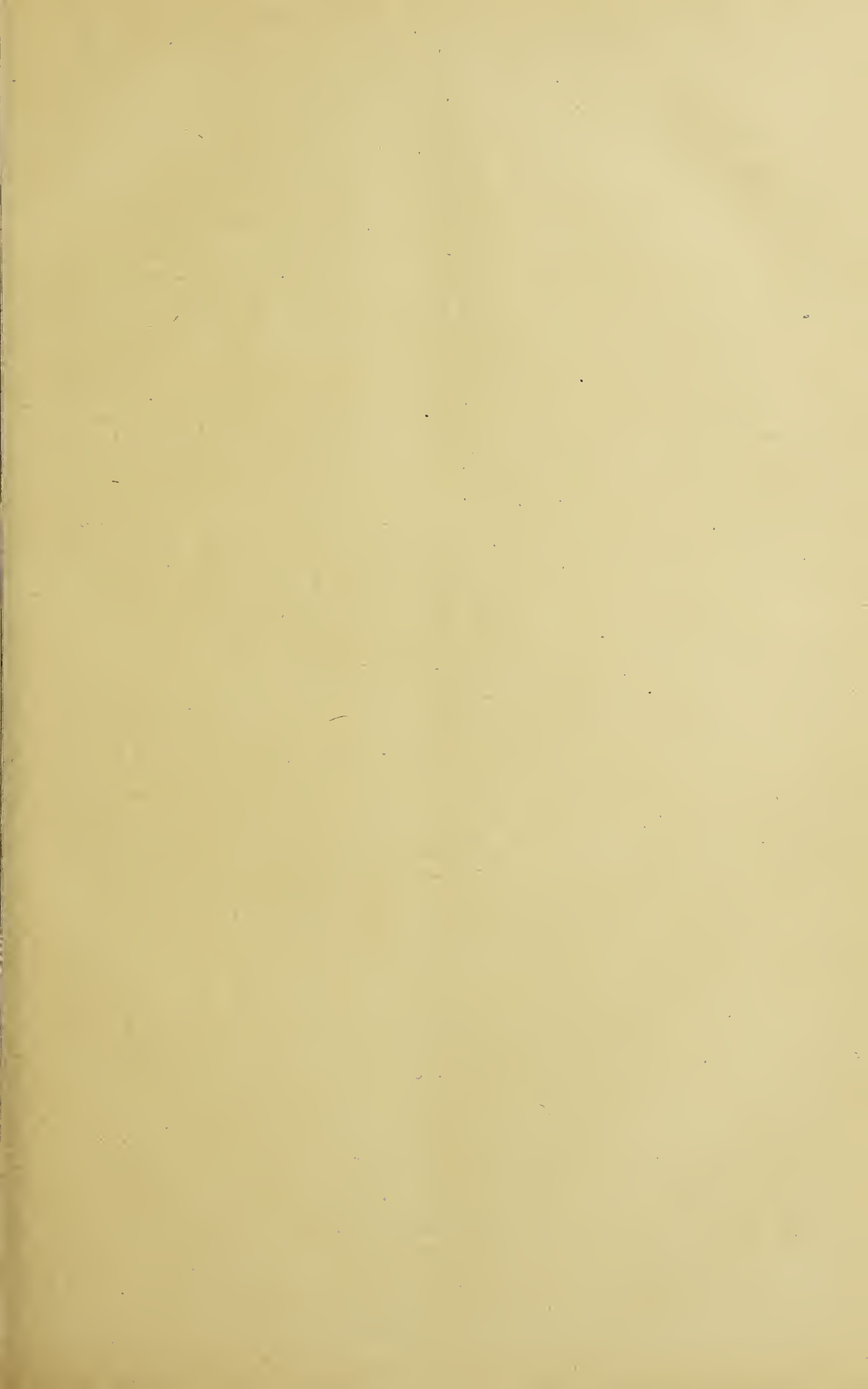
A 2.^a série do «Teatro Espiritualista» é, portanto, digna do acatamento de todos quantos trabalham na seára a disseminar, por êste ou aquele meio, as verdades evangélicas e a doutrina.

Ao Leopoldo, as nossas sinceras felicitações, fazendo votos para que a 2.^a série dêste seu trabalho, cujo resultado reverterá a benefício do «Lar de Jesus», se esgote rapidamente.

Quem não tolera as fraquezas alheias não merece tambem que sejam toleradas as suas!







Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director. José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

-- BRASIL	-- Ano	-- Assinatura simples	Cr.\$20,00
-- BRASIL	-- Ano	-- Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	-- Ano	-- Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	-- Ano	-- Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

